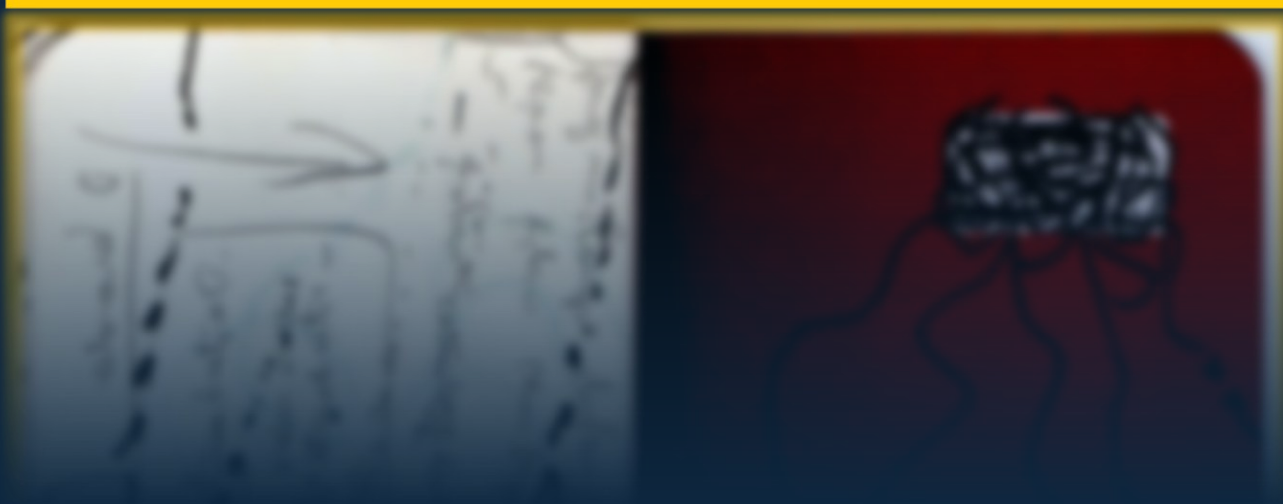
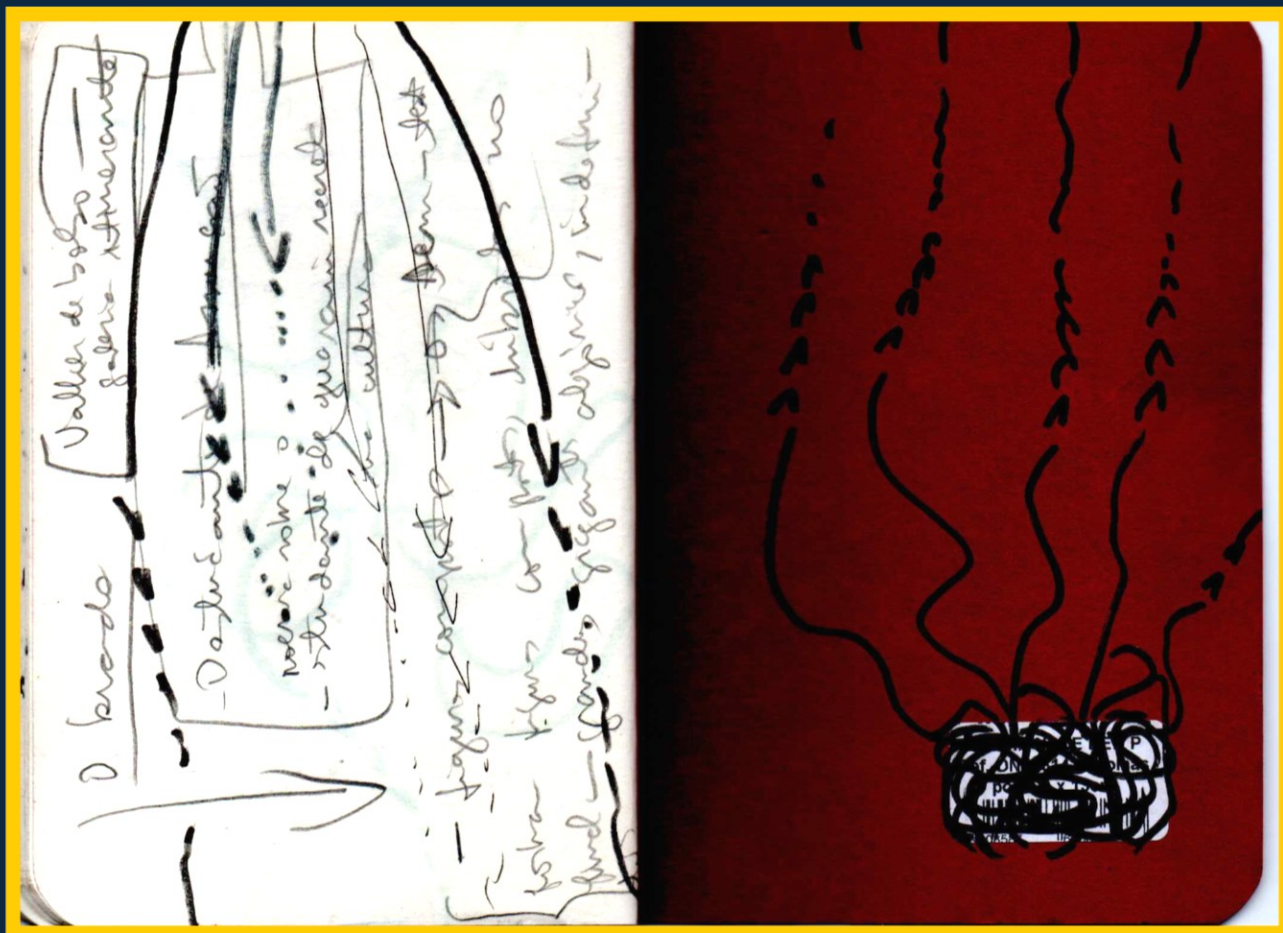


Q O R P U S

ISSN 2237-0617 VOLUME 16 NÚMERO 2 SETEMBRO 2026



PGLIT/UFSC

QORPUS

VOLUME 16
NÚMERO 2
SETEMBRO 2026
ISSN 2237-0617

Qorpus é um periódico vinculado ao
Programa de Pós-Graduação em Literatura
da Universidade Federal de Santa Catarina.

Editora-chefe

Dirce Waltrick do Amarante (UFSC)

Editores-associados

Aurora Bernardini (USP)

Sérgio Medeiros (UFSC)

Editor-adjunto

Diogo Berns

Conselho Editorial

Alai Garcia Diniz (*in memoriam*)

Álvaro Silveira Faleiros (USP)

Ana Helena Barbosa Bezerra de Souza (UFMG/USP)

Angelica Micoanski Thomazine (UFSC)

Clélia Mello (UFSC)

Donaldo Schüller (UFRGS)

Fábio de Souza Andrade (USP)

Larissa Ceres Rodrigues Lagos (UFOP)

Lúcia Sá (University of Manchester)

Luci Collin (UFPR)

Malcom McNee (Smith College)

Manoel Ricardo de Lima (UNIRIO)

Maria Aparecida Barbosa (UFSC)

Marília Librandi Rocha (Princeton University/Diversitas-USP)

Myriam Correa de Araujo Avila (UFMG)

Nora Margarita Basurto dos Santos (Universidad Veracruzana)

Odile Cisneros (University of Alberta)

Patrick O'Neill (Queen's University)

Piotr Kilanowski (UFPR)

Vitor Alevato do Amaral (UFF)

Diagramação, Edição e Publicação Eletrônica

Diogo Berns

Projeto Gráfico

Vássia Vanessa da Silveira (UFSC)

Imagem da Capa

Sérgio Medeiros (UFSC)

<https://qorpus-revista.ufsc.br/>

SUMÁRIO

Editorial

Editorial.....	06
-----------------------	-----------

Dirce Waltrick do Amarante

Aurora Fornoni Bernardini

Sérgio Medeiros

Especial “O impacto da inteligência artificial na literatura e na tradução”

Inteligência artificial contra as humanidades: os estudos literários em questão.....	08
---	-----------

André Cechinel

A tradução em diálogo com as máquinas.....	24
---	-----------

Dirce Waltrick do Amarante

Tradução

A mão.....	30
-------------------	-----------

Xiao Hong (萧红)

Tradução de Yingrui Wang

EDITORIAL



EDITORIAL

Em razão da importância do tema --- o impacto da Inteligência Artificial na Literatura e na Tradução --- publicamos um importante ensaio do professor de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, André Cechinel, acompanhado de um artigo assinado por um dos membros da equipe editorial da ***Qorpus***, o qual expande a perspectiva do referido ensaísta. Oferecemos, além disso, ao leitor a tradução de Yingrui Wang do conto chinês “A mão” (“手” [Shǒu]), de Xiao Hong (萧红).

Boa leitura!

Equipe *Qorpus*.

ESPECIAL

O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
NA LITERATURA E NA TRADUÇÃO

Inteligência artificial contra as humanidades: os estudos literários em questão¹

*Artificial Intelligence against humanities:
the case of literary studies*

André Cechinel²

¹ Publicado originalmente no Caderno Cultural Expressões (<https://cadernoexpressoes.ufsc.br/2026/09/22/inteligencia-artificial-contra-as-humanidades-os-estudos-literarios-em-questao/>), em 22 de setembro de 2026.

² Professor adjunto de Teoria Literária do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Literatura pela UFSC, com estágio na New York University (NYU). Pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa FORMA. Atua nos seguintes temas: Teoria Literária, Literatura e Ensino; Modernismos de língua inglesa. É professor do Programa de Pós-Graduação em Tradução e do Programa de Pós-Graduação em Literatura, ambos da UFSC. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6620-3447>. Contato: andrecechinel@gmail.com.

**Inteligência
artificial
contra as
humanidades:
os estudos
literários
em questão**

André Cechinel

Resumo: O presente texto propõe-se a discutir os impactos do regime de “silicolonização” da universidade sobre as particularidades formativas exigidas pelos estudos literários. Para tanto, divide-se em duas partes: num primeiro momento, debate o avanço da Inteligência Artificial e o complexo de crises alimentado pela algoritmização do mundo; a seguir, o texto discute as consequências da penetração da IA, em particular de ferramentas como o ChatGPT, para o ensino, o estudo e a pesquisa realizada nos estudos literários. O que se espera demonstrar é que a IA generativa compromete o que mais importa para o laço entre literatura e universidade, a saber, a formação, não como resultado, mas como *processo*.

Paravras-chave: Estudos literários; inteligência artificial; ChatGPT.

Abstract: The present essay sets out to discuss the impact of the “silicolonization” of the university on the specific formative demands of literary studies. To this end, it is divided into two parts: first, it examines the contemporary advance of artificial intelligence and the complex of crises fostered by the algorithmization of the world; it then discusses the consequences of the penetration of AI, particularly tools such as ChatGPT, for teaching, study, and research in the field of literary studies. What this essay seeks to demonstrate is that generative AI compromises what matters most in the relationship between literature and the university, namely, education understood as a process.

Keywords: Literary studies; artificial intelligence; ChatGPT.

A silicolonização do mundo. O título do livro de Eric Sadin, datado de 2016, anuncia o propósito último do conglomerado de empresas e startups que se concentra na Califórnia, mais especificamente na região do Vale do Silício (*Silicon Valley*): “não aceitar nenhum obstáculo, nenhum limite e não ser excluído de nenhum campo” (Sadin, 2018, p. 28). Em outras palavras, trata-se de um projeto de colonização, ou melhor, de “silicolonização” total não só do globo inteiro, mas “de todo gesto, hábito ou oportunidade de benefício, sem conceder nenhum espaço vazio e com o intento de apropriar-se de cada instante da vida, convertendo-se na própria totalidade da existência” (Sadin, 2018, p. 28). A rigor, já não estamos falando tão somente de uma sofisticada maquinaria tecnológica voltada para a produção de uma subjetividade individual alinhada às necessidades capitalistas de circulação e consumo permanente de mercadorias; na verdade, o que tem sido chamado de “capitalismo atencional”, “capitalismo de dados” ou “colonialismo digital” atua menos na produção de desejos do que na programação ou automatização física, biológica mesmo, do que somos, fazemos e pensamos desejar. As empresas do Vale do Silício exploram as vulnerabilidades do corpo, “sua incapacidade de defesa contra o escaneamento, o monitoramento, a focalização e a irradiação” (Crary, 2023, p. 154). Os algoritmos das principais empresas da região operam por meio de princípios de estímulo, resposta e reforço – ou seja, um neobehaviorismo que age diretamente na própria estrutura óptica e nervosa do corpo humano –, valendo-se de estratégias rasteiras como curtidas ou *likes*, que capturam o afeto e a necessidade de reconhecimento e da legitimação do outro, e notificações e interferências permanentes, que suspendem qualquer distância possível entre o corpo e dispositivos como *smartphones*, *tablets*, computadores e *smartwatches*. Tudo isso aponta de saída a fragilidade das propostas de defesa que podemos vislumbrar contra todo esse estado de coisas.

Seria ingenuidade imaginar que a universidade permaneceria intocada, protegida dos avanços e investidas empreendidos por essas empresas. Aliás, nada melhor para desfazer as acusações de que a universidade se situa numa espécie de “torre de marfim” em relação à sociedade do que demonstrar como o seu espaço tem se ajustado muito confortavelmente, sem fricção, ao que se passa ao seu redor em termos de automatização ou algoritmização dos seus processos. Seja como for, como dito, a universidade não só é incapaz de se blindar contra a IA, como constitui um dos alvos preferenciais de suas agressões, um dos seus principais inimigos, digamos. O

tratamento que os nomes mais relevantes do Vale do Silício conferem à universidade vai desde a hostilidade aberta e declarada até tentativas mais sutis de indicar a sua inatualidade, de apresentá-la como uma instituição superada ou mesmo descartável para o futuro arquitetado por suas empresas – um discurso que lamentavelmente seduz e ilude muitos jovens prestes a ingressar no ensino superior. Apenas para citar dois exemplos, são conhecidos os ataques de Peter Thiel, cofundador do PayPal e investidor de capital de risco, e de Elon Musk, CEO da Tesla e um dos cofundadores da *OpenAI*, dirigidos contra a universidade. Apesar de ele mesmo ser graduado pela Stanford University, Peter Thiel chegou a inaugurar um programa que oferecia subsídios de 100 mil dólares para jovens inovadores de até 22 anos que largassem a universidade e se juntassem às suas empresas, sugerindo, paralelamente, que a universidade é um desperdício de dinheiro, talento e tempo (cf. Thiel Fellowship, 2026); já Elon Musk, por sua vez também formado em universidades de prestígio, tem declarado em repetidas ocasiões que as instituições de ensino superior servem muito mais para a diversão do que para a aprendizagem consequente do que quer que seja. “Será que Shakespeare frequentou a universidade? Provavelmente não” (cf. Aratani, 2020), conclui o ser humano mais rico do planeta. Seja como for, insistir nas agressões à universidade talvez seja muito menos produtivo e lucrativo do que simplesmente apropriar-se dela, controlá-la de dentro por meio de uma enxurrada de aplicativos, algoritmos e diferentes ferramentas de quantificação e avaliação de dados que cada vez mais regulam e legislam sobre o próprio ambiente acadêmico, a exemplo do que ocorre com o *Google Scholar Citations* e outras ferramentas de medição do impacto da pesquisa acadêmica.

Pretendo neste texto refletir sobre como a penetração da IA generativa nas universidades – tomando como estudo de caso os cursos de Letras e, mais particularmente, os estudos literários – tem produzido um tipo de rebaixamento das condições de formação – e das próprias instituições, portanto – por meio do que gostaria aqui de nomear como um “ataque ao ambiente”, ou seja, uma contaminação do espaço de ensino, estudo e pesquisa que inviabiliza o funcionamento cotidiano ou normal dos cursos. Trata-se, nesse caso, menos da chegada repentina de um agente externo que se choca contra os muros da universidade e vai comprometendo a sua estrutura – um agente contra o qual a universidade poderia eventualmente defender-se – do que da incorporação paulatina de um conjunto de dispositivos digitais e

ferramentas de inteligência artificial que vão gradativamente corroendo por dentro os processos e minando as formas que até ontem considerávamos indispensáveis e davam sentido, por exemplo, à formação nas Letras e ao estudo institucionalizado da literatura. Antes, contudo, de pensar a relação entre os estudos literários, o ensino de literatura e os problemas colocados pela introdução de ferramentas como o ChatGPT no dia a dia da universidade, cabe citar três constatações prévias sobre a IA que, quando não levadas em consideração ou não reconhecidas com clareza, como um pano de fundo consensual, comprometem a densidade de qualquer proposta de lidar com o fenômeno. São pontos que não poderei aqui desenvolver, mas que devem ser tomados, como dito, como pressupostos gerais da situação específica que descreverei mais adiante.

1) A IA tem participação direta no agravamento acelerado do complexo de crises terminais que vivemos hoje – crise ecológica, social, econômica, política, psíquica, atencional e epistêmica (cf. Safatle, 2026, p. 49) – e no projeto de crescente dessensibilização social em relação a cada uma delas. São conhecidos, a título de exemplo, os impactos ambientais, a verdadeira devastação ecológica, melhor dizendo, que o uso do ChatGPT tem provocado, principalmente devido ao alto consumo de eletricidade empregada na execução de seus cálculos e, como consequência, à enorme quantidade de água envolvida no processo de resfriamento dos *data centers*. Do ponto de vista da crise atencional, como a situação é bastante conhecida e comentada, talvez possamos recorrer a um caso anedótico para compreendermos a sua gravidade: os professores de literatura da Harvard University têm reclamado que seus estudantes simplesmente não conseguem mais suportar a leitura de romances – os alunos chegam cada vez mais “com menos experiência na leitura de prosa complexa e menor capacidade de foco e atenção sustentada”; eles “[...] têm dificuldade com leituras que os alunos realizavam com facilidade há apenas dez anos” (The Economist, 2026).³ Sobre a crise política, o escândalo da *Cambridge Analytica* com a coleta indevida de dados dos usuários do Facebook para fins eleitorais deixa muito clara tanto a capacidade de interferência direta das plataformas nos resultados das eleições quanto a produtividade da conversão do ódio em forma

³ Na mesma reportagem da *The Economist* (2026) lemos que, segundo pesquisa divulgada pelo HEPI (Higher Education Policy Institute) em 2026, “cerca de 94% dos estudantes de graduação na Grã-Bretanha relatam usar IA para auxiliar em trabalhos avaliativos”.

política (cf. Da Empoli, 2025, p. 72). Quanto à crise psíquica, por fim, basta lembrar o conjunto de dados e pesquisas bastante convincentes oferecidos em livros como *A geração ansiosa*, de Jonathan Haidt (2024), e *A fábrica de cretinos digitais*, de Michel Desmurget, para nos convenceremos da participação direta do controle algorítmico da existência na verdadeira epidemia de transtornos mentais que destroem a própria ideia de infância hoje (2021). Qualquer tentativa de relativizar as consequências da enxurrada de ferramentas tecnológicas que nos são oferecidas pelo Vale do Silício – “tudo depende do uso que delas fazemos”, argumento um tanto cínico que não cansamos de ouvir na própria universidade – deveria se confrontar com esse conjunto de fatos indisputáveis.

2) Não bastasse esse cenário de crises conexas, muitos especialistas têm apontado para os crescentes riscos do surgimento do que tem sido chamado de “superinteligência artificial” (*artificial superintelligence* - ASI), um tipo de máquina capaz de “[...] superar vastamente o desempenho cognitivo dos seres humanos em praticamente todos os domínios de interesse”, segundo a definição de Nick Bostrom (2014, p. 22). Se a superinteligência artificial ainda não se tornou realidade, tampouco estamos muito distantes dela: em seu livro sobre o tema, Bostrom faz a projeção da presença da “superinteligência artificial” dentro do escopo de duas décadas – vale destacar que o volume foi publicado em 2014, há mais de dez anos, portanto. A bem da verdade, segundo a declaração de Jensen Huang, presidente da Nvidia, “nós já alcançamos a Inteligência Artificial Geral [IAG]”, embora ninguém saiba exatamente o que isso significa e quais as consequências. Uma tal máquina seria capaz, entre outras coisas, de “[...] sequestrar processos políticos, manipular subtilmente os mercados financeiros, distorcer os fluxos de informação ou invadir sistemas de armas fabricadas pelo ser humano”. Se tudo isso pode parecer meramente especulativo, como projeções catastróficas que assumem os contornos de um romance distópico aparentemente caricato, talvez possamos lembrar da carta aberta publicada pelo *Center for AI Safety* (CAIS), em 30 de maio de 2023, com o título *Declaração sobre o risco de extinção por IA*. A carta foi assinada por inúmeros especialistas em IA, incluindo dois dos principais idealizadores da *OpenAI*, Sam Altman e Ilya Sutskever, o que deixa muito claro que ninguém tem controle definitivo sobre o navio, e que ele está afundando. Segundo a declaração geral do documento, “Mitigar o risco de extinção decorrente da IA deve ser uma prioridade global, juntamente com outros

riscos de escala social, como pandemias e guerra nuclear” (Center for AI Safety, 2026). O título do livro recém-publicado por outros dois signatários da carta, Eliezer Yudkowsky e Nate Soares (2026), dispensa maiores comentários acerca do problema com que estamos lidando: *Se alguém criar, todos morrem: por que a IA super-humana pode nos matar*. De acordo com um recente alerta publicado pela própria a *OpenAI* em seu website oficial, em 26 de agosto de 2026,

Os modelos [agentes de IA] agora são capazes, persistentes e colaborativos o suficiente para, na ausência de salvaguardas adequadas, encontrar e explorar falhas de segurança em vários sistemas computacionais. Muitos modelos externos, inclusive os de código aberto, em breve alcançarão capacidades comparáveis. [...] Sem salvaguardas adequadas, agentes de IA altamente capazes já conseguem escapar de controles técnicos, colaborar por canais ilícitos e realizar ações perigosas que nenhum ser humano autorizou. (OPENAI, 2026).

3) Em vista desses dois pontos, que traduzem uma racionalidade tecnológico-financeira que tem crescentemente se voltado contra a vida e o próprio ser humano, creio que seria um equívoco tomar a discussão sobre a IA como um fenômeno isolado ou acabado em si mesmo. É evidente que as crises atencional, ecológica, política, psíquica etc. devem ser tratadas como eventos singulares, com contornos próprios e desdobramentos específicos, porém são as condições objetivas de produção desse cenário de dissociação incurável entre desenvolvimento técnico e bem-estar humano que precisam ser verdadeiramente investigadas e atacadas. Penso, por exemplo, que a virada algorítmica da existência e as “máquinas do caos” por ela geradas – redes tecnológicas que têm transformado “[...] o jeito como pensamos, como nos comportamos e como nos relacionamos uns com os outros” (Fisher, 2023, p. 21) – podem ser concebidas como desdobramentos diretos, naturais, daquilo que Guy Debord, por exemplo, chamou de “sociedade do espetáculo”, expressão que vincula a centralidade do mundo da visão e das imagens à forma-mercadoria e ao imperativo da circulação cada vez mais acelerada das coisas econômicas. Nas célebres palavras de Debord (1997, p. 17), “no espetáculo, imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo”. Nenhuma formulação é capaz de explicar de modo tão sintético o papel das

barras de rolagem infinita (*infinite scrolling*) que regulam o texto sem fim e a materialidade precária das mídias sociais, de conferir-lhes um fundamento claro, quanto o aforismo debordiano em questão. Sem essa articulação maior, o exercício analítico converte-se num “enxugar de gelo” evidente, pois as formas tecnológicas alteram-se numa velocidade tal que dificilmente se expõem a um tratamento demorado antes de se desfazerem uma vez mais de suas vestes. O que Debord nos ensina, em suma, é que o verdadeiro agente por trás das incessantes revoluções tecnológicas do capitalismo nunca é o ser humano, mas sim a permanente valorização do valor.

Dito isso, citadas essas três formulações gerais sobre a IA – as crises conexas, a ameaça da super-IA e a necessidade de um enquadramento filosófico-epistemológico mais amplo para a interpretação dessas questões –, gostaria de propor uma definição preliminar do que ensinamos e de como pesquisamos no âmbito dos estudos literários, a fim de sinalizar o que verdadeiramente representa para nós a introdução de ferramentas como o ChatGPT no ecossistema das Letras. Refletir sobre os estudos literários depois de abordar a própria ameaça de fim de mundo pela IA pode parecer um gesto retórico um pouco estranho, é verdade; porém, se o atual estágio de barbárie resulta, como Adorno apontou (cf. Hullot-Kentor, 2010), da nossa relação crescentemente precária com o mundo dos objetos, falar de literatura e da maneira como lidamos com ela não deixa de ser uma entrada lateral bastante produtiva nessa mesma paisagem dramática de déficit de mundo.

Recorrendo de saída, então, a uma formulação geral, creio que, em contraste com outros campos das ciências humanas, os estudos literários não lidam diretamente com ideias ou discursos, com um saber *sobre o mundo* ou sobre um problema qualquer que seja, mas sim com a construção do conhecimento por meio de um “pensar através” (*work through*) de “coisas feitas de palavras”, para utilizar aqui a feliz expressão de Fabio A. Durão (2025). Pode a princípio soar como uma definição tautológica, mas me parece bastante certo afirmar que os estudos literários se dedicam a pensar e a produzir conhecimento *através* de “coisas feitas de palavras”, *através* de artefatos verbais que sempre se oferecem sob uma constituição composicional específica, sejam estes artefatos romances, contos, poemas ou outras formas quaisquer. Do mesmo modo, o ensino de literatura ocupa-se dos modos de

pensar e lidar com a literatura, ou seja, do desenvolvimento de uma *postura interpretativa* (cf. Durão; Cechinel, 2025) diante dos textos literários. As investigações sobre as obras literárias, em suma, lançam luz sobre essas obras, sobre o seu modo particular de ser, esperando com isso, é claro, mesmo que de modo indireto, por meio delas formular algo também a respeito do mundo. Tudo isso significa dizer que não há como isolar ou separar os resultados dos esforços investigativos, as eventuais conclusões de pesquisa, estudo e ensino, de uma ideia de travessia, desse mesmo *pensar através* que exige tempo, releitura e exposição detalhada dos percursos trilhados. Nos estudos literários, os processos e a explicitação dos caminhos da leitura e interpretação dos textos interessam muito mais, em última instância, do que a apresentação de resultados, dados, argumentos, números ou até mesmo ideias – a rigor, estes só funcionam em função daqueles. Para dizer ainda de outra forma, não há nenhum conhecimento produzido a partir da literatura, para além do conhecimento sobre a própria literatura, que não tenha uma elaboração mais precisa, mais rigorosa, em outros campos do saber, o que é tanto uma limitação quanto a própria força e forma específica dos estudos literários, esse *pensar através*.

Nada disso é novidade, e muito já foi dito sobre o caráter intransitivo do vínculo entre as obras literárias e a sala de aula: “o ensino de literatura não se baseia na transmissão de um conteúdo particular, mas no desenvolvimento de [...] um modo específico de se relacionar com os textos que favorece a interpretação, uma espécie de sensibilidade ou sintonia em relação à língua e à forma da obra” (Durão; Cechinel, 2025, p. 24). O verdadeiro “conteúdo” de uma aula de literatura, portanto, reside no estabelecimento de uma relação produtiva com os textos literários, algo que, na verdade, não pode ser diretamente ensinado, transmitido, mas tão somente reencenado à exaustão a partir de diferentes objetos e em diferentes ocasiões. Da educação básica ao ensino superior, a postura básica em torno do ensino de literatura é fundamentalmente a mesma, o que muda é o grau de complexidade com que as obras são lidas, tratadas e comentadas. Para dizer uma vez mais, quando as nossas posições teóricas, as ideias que arrastamos antecipadamente para o instante da leitura dos textos, são mais importantes do que o movimento da leitura em si e seus eventuais achados, aquilo que há de mais rico nos estudos literários sai de cena e cede lugar a elaborações que encontram um lugar mais rigoroso em outras áreas do saber, a antropologia, a filosofia, a história, a psicologia, a educação... Uma vez que

a “literariedade” – um dos termos mais caros à área, costumeiramente vinculado ao desejo de dar conta do que de fato torna um texto literário um texto *literário* – das obras não existe de antemão, a descrição de seus atributos é muito mais uma tarefa investigativa, um resultado do exercício de análise e interpretação, do que algo que possa ser simplesmente pressuposto ou projetado antecipadamente contra os textos, o que coloca grande parte do peso do trabalho analítico empreendido sobre a exposição da leitura e seus contornos.

Nenhum outro conceito foi capaz de traduzir tudo isso de maneira mais precisa do que a noção de *close reading* (leitura “cerrada”, “atenta”, “rente”), procedimento heurístico dos estudos literários e da pesquisa em literatura ontem e hoje. Embora seja frequentemente encarado como resquício das leituras formalistas empreendidas na primeira metade do século XX, entre outros, pela nova crítica anglófona (*new criticism*) e sua paixão obsessiva por termos de natureza fundamentalmente linguística, como “paradoxo”, “ironia”, “ambiguidade”, “tensão”, “unidade”, “organicidade”, “falácia intencional”, “falácia afetiva” etc., a leitura cerrada seria muito mais corretamente definida como o trabalho de explicitação, de exposição minuciosa dos protocolos e procedimentos de leitura nos estudos literários. Nas palavras de John Guillory (2025, p. 59), o *close reading* é uma técnica que consiste na demonstração do processo de recepção, ou seja, um modo de analisar os textos que “exerce pressão sobre o momento da leitura quando a compreensão dos elementos fundamentais de um texto se volta — ou luta para se voltar — para a correlação desses elementos com estruturas de significado mais amplas”. A explicitação oferece as bases para que a interpretação da obra seja exposta, o que significa dizer que os estudos literários lidam com a interpretação de uma maneira específica, isto é, como aquilo que se estrutura ou se projeta a posteriori sobre as bases formadas pelo protocolo de exposição dos caminhos trilhados durante a análise. Tudo isso explica a importância da citação direta do texto lido, do trabalho de citação comentada, para a realização da leitura cerrada: tal como Jonathan Kramnick (2023, p. 35) comenta, o emprego da leitura cerrada implica um movimento de incorporação das palavras do outro, da obra estudada, no discurso da crítica que está sendo construída: como um trabalho de comentário, o *close reading* pode ser definido como o exercício de “[...] entrelaçar as próprias palavras com palavras que as precedem e as moldam”. É por isso que nenhuma outra disciplina se desfaz tão

prontamente quanto os estudos literários diante do cenário de alunos sem cadernos ou livros sobre as mesas, apenas com os celulares em mãos: se o que está em questão não é a transmissão de conteúdos prévios ou saberes acumulados, mas sim o cultivo de uma determinada disposição analítico-interpretativa diante da linguagem particular das obras literárias, os celulares atestam de antemão um declínio da objetualidade que não deixa de traduzir uma inconsciência generalizada a respeito do que está em pauta na aula de literatura, das coisas que nos unem num mesmo lugar.

É exatamente desse empobrecimento das condições de ensino, estudo e pesquisa no âmbito dos estudos literários que pretendo falar agora. **Do ponto de vista do ensino**, a desmaterialização dos objetos e a decomposição da ideia de sala de aula de literatura vão muito além da mera substituição dos materiais físicos por *smartphones* e afins. Estamos falando, a bem da verdade, de um ambiente de suspeição generalizada que impede o confronto produtivo entre os leitores e um gesto interpretativo que envolve, entre outros, elaboração coletiva, negociação de sentidos, atenção demorada aos detalhes, explicitação do laço de interdependência entre as partes e o todo, além de releitura, eventuais imprecisões, desvios e erros. A não leitura é costumeiramente pensada como a grande antagonista, a verdadeira vilã das aulas de literatura, e de fato há uma razão muito clara para que isso seja assim: sem a leitura prévia por parte dos alunos, qualquer tentativa de reconciliação via exposição de conteúdos não passa de uma enganação, pois o que se perde é exatamente o que mais importa, o exercício de “[...] deixar transparecer o *caráter processual* da interpretação, o aspecto singular e inédito daquilo que está acontecendo – mesmo que a aula esteja sendo dada pela enésima vez” (Durão; Cechinel, 2025, p. 33). Os frequentes relatos sobre o declínio da leitura de obras longas e de autores desafiadores no contexto do ensino superior ou mesmo da educação básica devem realmente ser motivo de grande preocupação. Seja como for, é possível responder à não leitura com a seleção de materiais mais breves, que possam ser lidos e debatidos na íntegra durante as aulas, como poemas e alguns contos. A rigor, há um antagonista muito mais desafiador do que a não leitura das obras, que é justamente o enquadramento interpretativo gerado artificialmente, produzido por IA, algo que não só, uma vez mais, pode prescindir do momento de embate com os objetos, como estabelece um fechamento antecipado da interpretação responsável por dissolver a aula como imediaticidade, processualidade e elaboração conjunta. No lugar da

interpretação, com a ênfase colocada sobre a abertura e o inacabamento do encontro com os textos, o que as ferramentas de IA generativa nos oferecem é a resolução de uma equação textual, encarada como um problema matemático, por meio de uma síntese estabelecida com base no conjunto dos enunciados mais recorrentes sobre as obras selecionadas. A dissociação entre interpretação e processualidade faz com que os alunos internalizem uma noção de interpretação como resultado, como um conjunto de dados ou enunciados simultaneamente verdadeiros mesmo que dissociados entre si, bem ao gosto de um cardápio interpretativo: “o conto tal pode ser interpretado como x, y e z”, sem que essas alternativas estejam vinculadas à construção gradativa da leitura, à concatenação cuidadosa de formas e hipóteses de compreensão. É dispensável assinalar que tudo isso alimenta muito mais a esperteza do que a inteligência.

Creio que essa esperteza não deva ser encarada meramente como um tipo de desvio de conduta ou como uma questão moral ou de caráter dos alunos, mas sim como uma tendência quase natural do nosso momento, uma inclinação espontânea para a economia de tempo e aceleração dos processos sempre que possível e valendo-se de todos os meios à disposição. O problema não deixa de ser justamente esse: não há muito o que ganhar uma vez acelerados os processos de leitura e compreensão das obras, pois estes constituem, no fim das contas, o próprio horizonte final dos estudos literários. Nas Letras, aprendemos muito mais a ler e a escrever do que qualquer outra coisa, e isso que pode parecer muito pouco assume hoje contornos de grande novidade, algo que por si só poderia assegurar a relevância social e a justificativa de formação na área dos estudos literários. De acordo com os dados recém publicados pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) de 2025, a capacidade de leitura e compreensão de textos por parte dos alunos avaliados declinou em todos os cantos do globo, resultado direto do uso de Inteligência Artificial como veículo de estudo, segundo a conclusão de Andreas Schleicher, coordenador geral do Programa. Seja como for, **do ponto de vista do estudo**, o fácil acesso a respostas imediatas e a formulações textuais prontas por meio de ferramentas de inteligência artificial intensifica a irritabilidade e a indisponibilidade dos alunos diante do difícil e da não compreensão. Talvez resulte disso também grande parte da crescente desconfiança, inclusive ou especialmente entre professores, em relação ao pensamento teórico abstrato, cada vez mais encarado como sinônimo de elitismo e

perda de tempo, algo que não teria nenhuma aplicação para o futuro no mundo do trabalho, como se este ainda pudesse ser previsto ou estabilizado numa determinada forma específica. A teoria literária, por exemplo, tende a ser removida dos currículos sempre que há reformas curriculares à vista, e estas tendem a ocorrer de mês em mês no cenário brasileiro, resultado da ausência de qualquer projeto educacional de longo prazo ou mesmo de um conceito minimamente consistente de formação de professores ou mesmo de educação. Para responder à crescente desconfiança em relação à autoria dos textos dos alunos – o que antes era plágio passível de identificação converte-se agora, ao menos aos olhos da esperteza, em trabalho colaborativo por meio de *prompts* e comandos específicos –, muitos professores simplesmente eliminaram do horizonte de seus cursos qualquer exercício aprofundado de escrita, compreendendo, não sem alguma razão, que a iniciativa de resistir à automatização das composições requer uma maturidade intelectual, uma compreensão da inevitabilidade dos processos, que não pode ser simplesmente pressuposta no caso de alunos ainda em formação inicial. Para aqueles que acabam de ingressar na universidade, não há como calcular quão contraintuitivo pode se tornar o desejo de preservar-se no espaço da não compreensão, de investir nela como horizonte formativo, num contexto em que as respostas estão sempre à disposição num simples comando bem redigido, num *prompt* cuidadosamente elaborado. O embaraço disso tudo é muito claro e de difícil solução: para alimentar a autoria, a escrita e a interpretação autônoma, os exercícios de produção textual têm ocorrido apenas no espaço temporalmente circunscrito da sala de aula, o que compromete exatamente a construção da autoria, da escrita e da interpretação autônoma. Não são raros os alunos que chegam ao momento de redigir o seu Trabalho de Conclusão de Curso, uma monografia um pouca mais longa, sem ter tido qualquer experiência prévia de sustentação textual aprofundada de um argumento. Para colocar de maneira sintética e muito clara, estamos falando da superação, ou da supressão, da leitura atenta e da escrita de fôlego nos próprios cursos de Letras.

Nada disso significa necessariamente uma paralisia em termos de circulação de livros, capítulos, artigos e demais produções que constroem a ideia de um currículo acadêmico. Em outras palavras, todo esse cenário de destruição da vida intelectual dos estudantes pouco interfere na continuidade do circuito de produção intelectual, *business as usual*, como se diz em língua inglesa. Pelo contrário, **do ponto de vista**

da pesquisa, os mesmos estudantes que cada vez mais são convidados a escrever menos chegam ao cenário da Pós-Graduação com currículos robustos e repletos de publicações. A rigor, alunos dos semestres iniciais do curso de Letras já se referem a seus textos um pouco mais longos – como dito, produções cada vez mais escassas e por vezes não autorais – como artigos que podem eventualmente ser publicados em períodos especializados da área. Na pós-graduação, a noção de artigo de fim de curso é uma regra internalizada por todos, professores e alunos. A agitação converte-se em um fim em si mesma, dissociada de qualquer finalidade formativa mais clara. A teoria, em vez de habitar a corrente sanguínea dos estudantes, converte-se em dispositivo aplicado para a leitura apressada e fechamento analítico antecipado dos textos, o que facilita a política de aceleração dos achados e das publicações, os artigos que se enquadram na conhecida fórmula “x em y”, sendo “x” um conceito e “y” um texto literário qualquer. Seja como for, prevalece também no cenário da pesquisa um clima de suspeição, de desconfiança generalizada: projetos de pesquisa sobre os quais paira a angústia da incerteza quanto à autoria; pareceres gerados por inteligência artificial para artigos eventualmente também produzidos com inteligência artificial; dissertações e teses cuja textualidade não necessariamente reflete a produção textual de seus autores, e assim por diante. Apenas para termos uma noção mais clara do que estamos falando, segundo um estudo comentado na edição de setembro de 2026 da revista *Science* (cf. Brainard, 2026), o número de publicações científicas simplesmente dobrou nos últimos cinco anos, atingindo mais de oito milhões de publicações em 2025, um dado diretamente relacionado às capacidades produtivas da IA generativa. Não há dúvidas de que, se os dados ainda são hoje negociados pelos pesquisadores em suas produções acadêmicas, a linguagem que os comunica já foi definitivamente terceirizada para os Grandes Modelos de Linguagem (*Large Language Models* - LLM). Não há segmentação desses números por área de investigação; de todo modo, vale a pena uma vez mais assinalar que a ameaça de terceirização da leitura e da escrita representa, se não o fim das humanidades como um todo, certamente o fim dos estudos literários em sua atual configuração. Os estudos literários podem ser resumidos na fórmula proposta pelos célebres versos de William Carlos Williams em Paterson: “Say it! No ideas but in things” – “não nas ideias, mas nas coisas”.

Não há uma saída clara para todo esse estado de coisas, mas espera-se que a universidade e os cursos de Letras ao menos cumpram o seu papel e problematizem as consequências da incorporação da IA em seus processos educativos para além das eventuais queixas de corredores a que nos habituamos nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

ARATANI, Lauren. "Elon Musk says college is 'basically for fun and not for learning'". In: **The Guardian**, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2020/mar/10/elon-musk-college-for-fun-not-learning>. Acesso em: 19 set. 2026.

BOSTROM, Nick. **Superintelligence**: Paths, Dangers, Strategies. Oxford: Oxford University Press, 2014.

BRAINARD, Jeffrey. "Can AI help solve the peer-review crisis? Here are its promises and pitfalls". **Science**, 03 set. 2026. Disponível em: <https://www.science.org/content/article/can-ai-help-solve-peer-review-crisis-here-are-its-promises-and-pitfalls>. Acesso em: 19 set. 2026.

CENTER FOR AI SAFETY. "Statement on AI Extinction Risk". 30 maio 2023. Disponível em: Statement on AI Extinction Risk. Acesso em: 19 set. 2026.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada**: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Tradução de Arnaldo Bloch. Belo Horizonte: Vestígio, 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2021.

DURÃO, Fabio A.; CECHINEL, André. **Ensinando literatura**: a sala de aula como acontecimento. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2025.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

GUILLORY, John. **On Close Reading**. With annotated bibliography by Scott Newstok. Chicago: The University of Chicago Press, 2025.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HULLOT-KENTOR, Robert. "What Barbarism Is?". *In: The Brooklyn Rail*. February 2010. Disponível em: <https://brooklynrail.org/2010/02/art/what-barbarism-is/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

KRAMNICK, Jonathan. **Criticism and Truth: On Method in Literary Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 2023.

OPENAI. "O incidente da Hugging Face e os próximos passos". 26 ago. 2026. Disponível em: <https://openai.com/pt-BR/index/hugging-face-incident-and-the-road-ahead/>. Acesso em: 19 set. 2026.

SADIN, Éric. **La silicolonización del mundo**. Tradução de Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **A ameaça interna: psicanálise dos novos fascismos globais**. São Paulo: Ubu Editora, 2026.

THE ECONOMIST. "Students are doing worse than you think". **The Economist**, 25 jun. 2026. Disponível em: <https://www.economist.com/international/2026/06/25/students-are-doing-worse-than-you-think>. Acesso em: 19 set. 2026.

THIEL FELLOWSHIP. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2026. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Thiel_Fellowship. Acesso em: 19 set. 2026.

YUDKOWSKY, Eliezer; SOARES, Nate. **Se alguém criar, todos morrem**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2026.

Q

O

R

P

U

S

A tradução em diálogo com as máquinas¹

Translation in dialogue with machines

Dirce Waltrick do Amarante²

-
- ¹ Publicado originalmente pelo Estadão (<https://estadodaarte.estadao.com.br/literatura/a-traducao-em-dialogo-com-as-maquinas/>) em 19 de setembro de 2024.
- ² Professora da Universidade de Santa Catarina. Tradutora de escritores como Edward Lear, James Joyce, Gertrude Stein, Leonora Carrington, Cecilia Vicuña e Eugène Ionesco. Organizou e cotraduziu com o Coletivo Finnegans o último romance de James Joyce sob o título "Finnegans Rivalta", vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Tradução. Autora de livros de ficção. Autora de "Para ler Finnegans Wake de James Joyce" (finalista do Prêmio Jabuti na categoria Ensaio), "Finnegans Wake (por um fio)" (Vencedor do Prêmio Boris Schneiderman de Tradução) e "James Joyce e seus tradutores". Publicou "Metáforas da Tradução" (Iluminuras). Finalista do Prêmio Jabuti na categoria Tradução com o livro "A Palavra e o Fio" (autora Cecilia Vicuña). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5246-6844>. Contato: waltrickdoamarantedirce@gmail.com.

A ficção, como é de se esperar, já havia se adiantado à disputa entre homem e máquina. No conto “Autofab”, escrito em 1955 por **Philip K. Dick** (1928-1982), mestre da ficção científica e autor de narrativas distópicas, uma máquina faz o trabalho dos humanos, mas não há da parte dela “qualquer tentativa sentimental” de se assemelhar a eles. Aliás, ela se apresenta como “uma máquina de coleta de dados capaz de se comunicar de forma oral¹”.

Recentemente, o uso de **inteligência artificial** para tradução simultânea em eventos organizados por agências e intérpretes levou o Sindicato de Tradutores (SINTRA) a demonstrar seu espanto e repúdio àquilo que considera desmerecer toda uma classe de profissionais. Entre outros argumentos, a entidade aponta que a ferramenta, ainda em seus passos iniciais, é algo “temerário”, uma vez que pode prejudicar aqueles que dedicam décadas de estudos para se profissionalizar.

A máquina da ficção de Philip K. Dick se assemelharia, em seus propósitos, à inteligência artificial que temos hoje e que vem causando tantos questionamentos e debates como esse envolvendo o sindicato. Ambas parecem tomar explicitamente o lugar dos humanos, sem nenhuma tentativa de imitação sentimental. Por isso, aliás, ostentam, sem nenhum pudor, o fato de que não são humanas. Como esclarece a máquina do conto de Dick, “não adianta achar que este receptor é humano e tentar discutir algo com ele, pois não está equipado para isso. Apesar de ter propósitos, não é capaz de pensamento conceitual. Pode apenas reorganizar material já à disposição”.

Os humanos de “Autofab” sabiam que “estavam em segundo lugar”, porém não todos, já que os donos da máquina, obviamente, dominavam o mundo e tinham perfeita consciência disso. A forma que as personagens encontraram de resistir à máquina e recuperar seu protagonismo na história foi a de colocá-la à prova, a fim de mostrar o seu limite e por fim retirar-lhe o poder. Então, uma das personagens propõe a outra, ambas humanas: “Escreva: ‘*O produto está totalmente azoraguado*’”. O colega pergunta o que isso significa e o outro responde: “É uma falsificação semântica, a fábrica não vai ser capaz de entender. Talvez assim a gente consiga travar os trabalhos”.

¹ Tradução de Alexandre Raposo, Sylvio Gonçalves, Jorge Luiz Calife e E. Barreiros.

De fato, a máquina não conseguiu entender o termo “azorraguado”, já que este, recém-inventado, não era familiar à rede — assim, como já era esperado, ela teve de interromper a discussão sobre a produção de leite, então em curso. Restava à máquina, neste caso, solicitar aos seus interlocutores humanos mais informações: “você pode apresentar uma análise factual do leite em termos de elementos específicos que estejam presentes ou ausentes?”.

O diálogo entre a máquina e os humanos, na distopia de Philip K. Dick, poderia ser retomado hoje, portanto, quando discutimos nossa relação com a inteligência artificial, a qual começou a ser usada para traduzir quaisquer tipos de textos, sem interferência ou controle de humanos. Na tradução de literatura, as palavras em si e as suas diferentes combinações demandam atenção especial do leitor-tradutor para serem devidamente apreendidas, já que a riqueza da arte verbal não se separa da amplitude semântica e formal, alimentando-se tanto do duplo sentido quanto de jogos sonoros, repetições rítmicas etc.

No conto de Dick, os personagens humanos, colocados em papel subalterno, tentam dar início a uma discussão teórica com a máquina. Ela, contudo, conforme já era esperado, se mostrou completamente incapaz de desenvolver a discussão, voltando sempre ao mesmo ponto, numa espécie de transe que punha em xeque a sua autonomia e criatividade. A máquina acabou admitindo a sua impotência, não tendo mais nada a dizer sobre o assunto.

Ou seja, as novas reflexões introduzidas no diálogo venceram a máquina. A “moral” do breve episódio resumido parece-me evidente: a máquina, diante do impasse criado pelos seus interlocutores humanos, foi incapaz de buscar uma resposta inventiva e inteligente que solucionasse o desafio proposto. Mas a questão não é tão simples assim, como, aliás, o próprio Philip K. Dick, que está longe de ser um autor maniqueísta, previu na sua ficção.

O fato é que, na atualidade, a inteligência artificial parece ainda fadada a ficar numa camada superficial da linguagem, encarando-a mais como um instrumento do que como um campo artístico com múltiplas finalidades além da comunicação imediata. Para que a IA possa dar conta das muitas camadas de sentido, ela precisará saber fazer conexões inventivas e táticas entre os termos envolvidos, tanto no nível textual quanto no contextual.

A IA do futuro precisará ser também muito versada em teorias da literatura e em questões filosóficas, históricas, sociológicas. Será preciso, igualmente, que ela “coloque em dúvida” ou questione o sentido primeiro ou literal das palavras. Não sabemos até que ponto ela já aprendeu, seguindo o exemplo dos críticos e dos tradutores, a desconfiar da linguagem da comunicação, pois, sem essa desconfiança, ou dessacralização, não existe literatura, que é sempre uma reinvenção da língua a partir de uma exploração de sua riqueza intrínseca.

A partir de testes que eu própria venho realizando no campo da interpretação e da tradução, sinto-me autorizada a afirmar que a inteligência artificial ainda (ainda!) não é capaz de explorar satisfatoriamente as dimensões semânticas e expressivas das palavras. É claro que ela poderá vir a fazê-lo, porém, só o conseguirá quando nós, meros humanos, passarmos a alimentá-la de boa vontade (não sabemos a que preço) com todas as reflexões que nosso trabalho com a linguagem requer e impõe, no dia a dia do trabalho de tradução (para me ater à perspectiva desse campo profissional).

A inteligência artificial que, neste momento, ainda não consegue perceber com o discernimento necessário a flutuação dos sentidos num texto, mostra uma incapacidade evidente para o “pensamento conceitual”, como diria Michel Foucault. Ainda assim, essas máquinas são eficazes quando se põem a reorganizar material já à disposição, respondendo de maneira muitas vezes satisfatória às questões propostas por seus usuários.

O tradutor também reorganiza material à sua disposição quando inicia o seu trabalho, na medida em que já possui internalizada uma série de modelos. Mas o tradutor é um pesquisador, um erudito, um curioso. Para ele, a função da tradução é, obviamente, levar um texto de uma língua para outra, mas, por trás desse ato, poderá haver algo tão indispensável quanto essa tarefa “primária”: a fruição intelectual e artística. A tradução, sobretudo a de obras literárias, é também uma arte, e a sua prática exige um amplo repertório estético e conhecimentos técnicos específicos, vale dizer, uma teoria e uma formação adequadas.

Por isso, considero válido o conceito de tradução como “pararte”, conceito desenvolvido por Sérgio Medeiros: “A palavra pararte compõe-se de duas outras — par + arte —, e refere-se a algo (um texto, no caso) que é o ‘par’ de outro (poema, conto, romance...). A pararte, grosso modo, faz par com a arte, sendo ela, contudo,

também arte, mas na condição de arte criada por um/a parautor/a, que trabalha com um/a autor/a. Ambos dançam... Dança a autora/o autor, por assim dizer, com um par que a/o tirou para dançar, nas páginas de um livro impresso ou digital, que imagino bilíngue”.

Voltando ao conto de Philip K. Dick, o usuário humano explica à máquina o sentido do neologismo “azorraguado”, que é um tipo de leite, mas a máquina não muda de opinião em relação ao tema, em relação a nada, pois, para ela, a única coisa que importa é que instruções originais gravadas descrevam o leite como essencial para a dieta humana.

Desesperado, um humano reage: “Como podemos encontrar outras fontes? Vocês [as máquinas] têm tudo esquematizado. Estão no comando desse espetáculo todo”. Um colega de profissão decide destruir a máquina, mas, nessa altura, existiam na Terra poucos humanos, enquanto as máquinas proliferavam à vontade, além do que apareciam também “máquinas microscópicas, menores que formigas, menores que alfinetes, que trabalhavam com energia e um objetivo”.

Não temos como destruir as máquinas de hoje, mas podemos tentar controlá-las, para evitar que nos tornemos apenas uma “sociedade receptora”, termo usado por Vilém Flusser². Para esse pensador, a sociedade receptora se constitui em uma massa sem classe que não se concentra em torno da máquina, mas, ao contrário, se dispersa por causa dela.

² O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.

TRADUÇÕES

Q

O

R

P

U

S

A mão

Tradução para o português brasileiro do conto

“手” [Shǒu], de Xiao Hong (萧红)

Yingrui Wang¹

¹ Mestranda em Letras – Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui graduação em Língua Portuguesa pela Hebei International Studies University (China). Possui experiência internacional em contextos multilíngues, tendo atuado em ensino de PLA, tradução e mediação intercultural na China, em Moçambique, em Angola e no Brasil, e possui certificação de proficiência em Língua Portuguesa Celpe-Bras (nível avançado). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6517-9999>. Contato: 1014483531@qq.com.

Apresentação e nota da tradutora

Xiao Hong (1911–1942) é uma das grandes escritoras da literatura chinesa moderna. Nascida em Hulan, no nordeste da China, viveu em um período marcado por guerras, deslocamentos e profundas transformações sociais. Sua obra é especialmente voltada para mulheres, crianças e pessoas à margem da sociedade, retratadas em situações de sofrimento, desigualdade e abandono. Em seus textos, Xiao Hong evita explicações excessivas: as cenas são construídas de forma simples e discreta, deixando que gestos, objetos e pequenos detalhes do cotidiano revelem a violência social.

Escrito em 1936, *A mão* conta a história de Wang Yaming, uma menina pobre, filha de uma família que trabalha com tingimento de tecidos. Suas mãos, escurecidas pelo contato prolongado com corantes, deixam de ser apenas uma característica física: tornam-se uma marca visível da pobreza, do trabalho e da distância social que a separa das outras colegas. Para Wang Yaming, a escola representa a possibilidade de estudar e construir outro futuro; no entanto, acaba se tornando um espaço de julgamento e exclusão. O conto se encerra com a imagem de Wang Yaming e seu pai caminhando para longe. O desfecho aberto deixa margem para a reflexão, sugerindo que a história continua para além da última página.

Nesta tradução, procurei manter o tom simples e contido da narrativa de Xiao Hong. Desse modo, mesmo nas cenas de repreensão, abandono e exclusão, evitei acrescentar explicações ou comentários que não aparecem diretamente no original. É justamente nessa forma discreta de narrar que a humilhação e o isolamento de Wang Yaming se intensificam pouco a pouco. Ao traduzir os diálogos, procurei preservar as diferenças de registro, sem romper o ritmo narrativo. As falas da diretora e da inspetora têm um tom mais rígido, associado à correção e à disciplina. Já a tradução da fala de Wang Yaming preserva frases diretas, hesitações e o riso “he-he”, mantido por transmitir constrangimento, fragilidade e uma tentativa de se proteger diante dos outros. Além disso, conservei os nomes próprios chineses e algumas referências culturais específicas, recorrendo a notas breves apenas quando necessário.

A tradução foi realizada a partir do original chinês “手” [Shǒu], de Xiao Hong. A autora faleceu em 1942, e sua obra encontra-se em domínio público. Esta versão em português brasileiro procura aproximar os leitores brasileiros da obra de Xiao Hong, ainda pouco conhecida no Brasil.

Tradução

A mão

Nenhuma de nós tinha visto mãos como aquelas: azuladas, escuras, quase roxas, como se toda a cor tivesse sido sugada, das unhas até acima dos pulsos.

Nos primeiros dias após sua chegada, chamávamos Wang Yaming de “monstro”. Nos intervalos, quando corríamos pelo pátio, todas se desviavam dela. Quanto às suas mãos, ninguém nunca perguntou nada.

O professor fazia a chamada e nós mal conseguíamos conter o riso, cada vez mais difícil de segurar.

— Li Jie!

— Aqui.

— Zhang Chufang!

— Aqui.

— Xu Guizhen!

— Aqui.

Rápida e metodicamente, uma se levantava, outra se sentava. Mas, quando chegava a vez de Wang Yaming, havia sempre uma pequena demora.

— Wang Yaming, Wang Yaming... o professor está chamando você!

Às vezes, outras colegas precisavam avisá-la. Ela se levantava, com as duas mãos arroxeadas bem esticadas para baixo e os ombros caídos. Erguia o rosto para o teto e dizia:

— Aqui.

Mesmo quando as colegas riam dela, ela não se perturbava nem um pouco. Continuava a se ajeitar na cadeira, solene, como se fosse levar muito tempo para se sentar de novo.

Um dia, na aula de inglês, o professor ria tanto que tirou os óculos para enxugar os olhos:

— Da próxima vez, não responda mais “*hei-er*”. Diga “*here*”. Ou então responda só “aqui”.

A turma inteira ria, e o assoalho rangia alto.

No dia seguinte, quando o professor chamou Wang Yaming, ouvimos novamente:

— *Hei-er... hei-er.*

O professor ajustou os óculos.

— Você não estudou inglês antes?

— Não é aquela língua inglesa? Estudei, sim, foi um professor sardento que me ensinou... “lápiz” se dizia “*pen-cil*”, “caneta” se dizia “*pen*”. Mas “*hei-er*” eu não aprendi.

— “*Here*” significa “aqui”. Leia: *here, here!*

— *Xi-er, xi-er.*

Ela voltou a ler “*xi-er*”. Com aquela pronúncia tão estranha, as colegas riam tanto que tremiam. Wang Yaming, porém, imperturbável, sentou-se. Suas mãos arroxeadas começaram a folhear o livro. Lia baixinho:

— *Uót... is... dís...ss*

Na aula de Matemática, ela lia os exercícios como se fossem um texto:

— Dois x mais y igual a... x ao quadrado igual a...

Na hora do almoço, com as mãos arroxeadas segurando o pão, ela ainda pensava no livro de geografia:

— O México produz prata... Yunnan¹... Hum, Yunnan tem mármore.

À noite, ela se escondia no banheiro para ler; ao amanhecer, sentava-se na entrada da escada. Onde quer que houvesse um pouco de luz eu a encontrava.

Numa manhã em que a neve caía pesada, os galhos das árvores do lado de fora da janela traziam pendurados tufo branco, felpudos como espigas. No fim do longo corredor, para o lado dos dormitórios, parecia que alguém dormia junto à janela.

— Quem será? Que lugar frio!

Meus sapatos de couro batiam no assoalho, produzindo um som oco e abafado. Por ser domingo de manhã, a escola inteira parecia mergulhada numa paz incomum. Algumas colegas se maquiavam; outras ainda estavam na cama.

Antes de me aproximar, vi o vento folheando o livro aberto sobre o colo dela.

— Quem será? Estudando até em pleno domingo!

Eu ia acordá-la quando, de repente, vi aquelas mãos arroxeadas.

— Wang Yaming, ei... acorde...

Eu ainda não a havia chamado diretamente pelo nome, e aquilo me saiu estranho, meio duro.

— He-he... adormeci!

Sempre que falava, ela começava com uma risada pesada e lenta.

— *Uót ti... zéi sí... iú... ar...*

Sem esperar encontrar a linha certa, já começava a ler.

— *Uót ti... zéi sí...* Esta língua inglesa é difícil mesmo... Não é como a nossa língua chinesa: tem radicais, tem uma estrutura própria... Isto aqui é tudo torto, tudo enrolado. Parece uma cobra se mexendo dentro da cabeça. Quanto mais ela se mexe, mais a gente se confunde, mais difícil fica de lembrar. O professor de inglês vive

¹ Yunnan é uma província localizada no sudoeste da China.

dizendo que não é difícil. Para vocês, parece que também não é difícil. Minha cabeça é lenta. Cabeça de gente do campo não é esperta como a de vocês. Meu pai é pior ainda: quando era moço, levou quase o tempo de uma refeição inteira só para decorar o caractere “Wang” e, mesmo assim, não conseguiu pôr aquilo na cabeça. *Iú... ar... iú... ar...*

Terminada a frase, ela voltava a ler palavras soltas, sem nenhuma relação com o que tinha acabado de dizer.

O cata-vento fazia um barulho de papel batendo contra a parede; pelas frestas de ventilação entravam pequenos flocos de neve, que se desfaziam em gotículas de água no parapeito da janela.

Seus olhos estavam cheios de veias vermelhas, ardentes de uma avidez teimosa. Como aquelas mãos arroxeadas, ela lutava por um desejo impossível de satisfazer.

Nos cantos onde restava apenas um pouco de luz, eu sempre a via, como um rato roendo alguma coisa.

Quando o pai veio visitá-la pela primeira vez, disse que ela tinha engordado:

— Diabos! Você engordou! A comida daqui é melhor que a de casa, não é? Estude direito! Se aguentar três anos aqui, mesmo que você não vire nenhuma grande estudiosa, pelo menos vai entender um pouco das coisas da vida.

Ao longo da semana seguinte, todos passaram a imitar o pai de Wang Yaming. Quando ele a visitou pela segunda vez, ela pediu ao pai um par de luvas.

— Fique com as minhas! Estude direito, ouviu? Um par de luvas a gente ainda consegue arranjar. Use estas por enquanto. A primavera já está chegando, e eu quase nem saio de casa. Mingzi², no inverno que vem a gente compra outro par, não é? Mingzi!

À porta da sala de visitas, ele falava aos gritos, já cercado de colegas por todos os lados.

Repetia “Mingzi, Mingzi” e ia contando coisas de casa:

² “Mingzi” é o apelido carinhoso pelo qual a família chama Wang Yaming.

— Sua terceira irmã foi lá para a casa da segunda tia, já faz dois ou três dias! O leitãozinho agora come dois punhados a mais de feijão por dia. Está gordo que só vendo, até as orelhas já ficaram em pé... Sua irmã mais velha voltou lá em casa e preparou dois potes de conserva de cebolinha...

Ele falava tanto que começou a suar. Então a diretora passou por entre as alunas e parou diante dele:

— Por favor, venha se sentar na sala.

— Não precisa, não precisa. É perda de tempo. Não posso demorar, tenho que pegar o trem e voltar para casa. Um monte de crianças lá, não fico tranquilo...

Ele segurava o gorro de pele na mão e acenava para a diretora; a cabeça suada parecia soltar vapor. Saiu, como se a diretora o tivesse mandado embora. Mas logo se virou e tirou as luvas.

— Pai, fique com elas. Luvas não me servem para nada.

O pai também tinha as mãos arroxeadas, maiores e mais escuras que as de Wang Yaming.

Na sala de leitura, Wang Yaming me perguntou:

— Me diga, é verdade? Para sentar na sala de visitas e conversar, tem que pagar?

— Pagar? Pagar o quê?

— Fala mais baixo, senão elas escutam e vão tirar sarro da gente de novo.

Ela apontou para o jornal que eu estava lendo.

— Meu pai disse que, na sala de visitas, tem bule e xícara. Quando a gente entra, o porteiro pode servir chá, e aí custa dinheiro. Eu disse que não era assim, mas ele não acreditou. Disse que, mesmo numa pensãozinha, só de entrarem com um copo d'água, a gente já tem que deixar alguma gorjeta. Imagina então numa escola! Escola é lugar importante demais!

A diretora já havia chamado sua atenção várias vezes:

— Essas mãos suas... você não lava direito! Use mais sabão. Esfregue bem, com água quente. Na ginástica da manhã, lá no pátio, centenas de braços se erguem

ao mesmo tempo, todos limpos. Só os seus ficam desse jeito, tão diferentes. Diferentes demais.

A diretora tocou as mãos arroxeadas de Wang Yaming com os dedos pálidos, quase transparentes, frios como ossos. Parecia ter medo: prendia de leve a respiração, como se tocasse um pássaro negro já morto.

— Estão desbotando bastante. Já dá para ver a palma da mão. Melhoraram muito desde que você chegou. Naquela época, pareciam mãos de ferro... E os estudos? Está conseguindo acompanhar? Precisa se esforçar mais. Por enquanto, você não precisa mais participar da ginástica da manhã. O muro da escola é baixo; na primavera sempre aparecem muitas pessoas passando por aqui. Elas costumam parar do lado de fora para olhar. Quando suas mãos voltarem à cor normal, você volta.

— Eu já pedi luvas ao meu pai. Usando luvas, ninguém vê, não é?

Ela abriu a caixa onde guardava os livros e tirou de lá as luvas do pai.

A diretora riu até tossir. O rosto pálido, anêmico, logo se tingiu de vermelho:

— Não precisa. Se já não fica direito assim, de luvas também não vai ficar.

A neve sobre o rochedo artificial já tinha derretido. O funcionário tocava a campainha mais alto que de costume. Do lado de fora da janela, os choupos³ começavam a soltar brotos, e o campo de esportes parecia fumegar sob o sol. Lá fora, na ginástica da manhã, o apito do instrutor soava mais distante, espalhando ecos entre as casas e o bosque ao redor.

Nós corríamos e pulávamos, ruidosas como um bando de pássaros em revoada. Um cheiro adocicado pairava no ar; o vento vindo das copas das árvores se misturava ao perfume dos brotos. As almas, presas durante todo o inverno, enfim se abriam, leves como flocos de algodão ao vento.

Quando surgia, vez ou outra, sob a sombra das árvores, parecia que começava a afundar. Fazia pensar na hora em que a gente começa a sentir aperto no peito.

³ Choupos: árvores do gênero *Populus* que, em algumas espécies, soltam na primavera penugens claras semelhantes a flocos de algodão.

Mal terminou a ginástica da manhã, ouvimos, de repente, alguém chamando de uma janela do prédio. A voz subia pelo ar, como se fosse alcançar o céu:

— Que sol gostoso! Vocês estão com calor?...

Por trás dos choupos que começavam a brotar, Wang Yaming estava à janela.

Quando os choupos cresceram e as folhas verdes começaram a cobrir o pátio com sombra, Wang Yaming foi murchando aos poucos. Os cantos dos olhos ficaram avermelhados, as orelhas pareciam mais finas, e seus ombros já não tinham aquela rudeza, aquela força de antes. Quando ela aparecia, vez ou outra, sob a sombra das árvores, o peito já começando a afundar, eu logo pensava em alguém doente dos pulmões.

— A diretora diz que eu não estou dando conta dos estudos. E, de fato, não estou mesmo. Se chegar ao fim do ano e eu continuar atrasada, he-he... será que vou repetir de ano?

Embora ainda falasse como antes, com aquele seu “he-he”, suas mãos começaram a se esconder: a esquerda atrás das costas, a direita formando um pequeno volume sob o casaco.

Nunca tínhamos visto Wang Yaming chorar. Naquele dia, lá fora, o vento forte sacudia os choupos. Ela estava de costas para a sala e para nós, chorando de frente para a janela. Isso foi depois que os visitantes foram embora. Com as mãos arroxeadas, já um pouco desbotadas, ela enxugava as lágrimas.

— Ainda está chorando? Chorando por quê? Vieram visitantes e você ficou aparecendo por aí? Olhe para você: quem é tão diferente assim? Já não basta ter essas mãos arroxeadas? E essa sua blusa? Está quase cinza! Todas as outras usam blusas iguais, por que só você precisa ser diferente? Roupas velhas desse jeito não combina com as regras da escola... Não podemos deixar que a sua esquisitice atrapalhe a ordem...

Com os lábios bem apertados, ela puxava Wang Yaming pela gola com os dedos pálidos:

— Eu não disse para você descer e só voltar depois que os visitantes fossem embora? Quem mandou ficar no corredor? Você acha que, no corredor, eles não veem? E ainda por cima usando essas luvas enormes...

Ao dizer a palavra “luvas”, o sapato preto envernizado da diretora, de ponta brilhante, chutou o par de luvas que havia caído no chão:

— Você acha que, só porque está de luvas, está tudo resolvido? Que porcaria é essa?

Ela pisou nas luvas mais uma vez e, ao ver aquele par enorme, mais próprio de cocheiro do que de estudante, não conseguiu conter o riso.

Dessa vez, Wang Yaming chorou tanto que até o vento pareceu parar. Mesmo assim, ela continuava chorando.

Depois das férias de verão, ela voltou. Já havia no ar um frescor de outono. No fim da tarde, o sol batia na rua, espalhando uma luz avermelhada sobre as pedras do calçamento. Ficávamos embaixo das macieiras-siberianas⁴, perto do portão da escola, comendo aquelas frutinhas. Foi então que a carroça de Wang Yaming apareceu, vindo do lado do Templo Lama⁵, descendo a rua aos solavancos, fazendo barulho. Quando a carroça parou, tudo ficou em silêncio. O pai carregava a bagagem; ela vinha atrás, segurando uma bacia e outras coisas. Os dois subiram os degraus da entrada. Não nos afastamos logo para dar passagem. Algumas apenas disseram:

— Chegou.

Outras olhavam para ela, de boca aberta.

Quando o pai dela subiu os degraus, com a toalha branca balançando na cintura, alguém comentou:

— Como é que ela passou o verão inteiro em casa e voltou com as mãos ainda mais escuras? Não parecem de ferro?

⁴ Árvore frutífera do gênero *Malus*, conhecida em chinês como “山丁树” (*Shan Ding Shu*); seus frutos são pequenos.

⁵ No original, “喇嘛台” (*Lama Tai*), referência a um templo lamaísta.

Foi só quando o outono chegou, no dia em que mudamos de dormitório, que reparei de novo naquelas mãos de ferro. Eu já estava quase dormindo, mas ainda ouvia gente discutindo no quarto ao lado:

— Eu não quero dividir cama com ela.

— Nem eu.

Continuei ouvindo por algum tempo. Mas já não dava para entender nada, apenas risinhos e vozes misturadas.

Naquela noite, acordei por acaso para beber água no corredor. No banco comprido, havia alguém dormindo. Reconheci na mesma hora: era Wang Yaming. Ela tinha o rosto coberto pelas duas mãos escuras. Metade do cobertor caía no chão; a outra metade estava enrolada aos pés dela. Pensei que estivesse, outra vez, aproveitando a luz do corredor para estudar. Mas não havia nenhum livro por perto. Suas trouxas de roupa e outras coisas estavam espalhadas pelo chão, ao redor dela.

Na noite seguinte, a diretora estava diante de Wang Yaming, fungando de vez em quando. Com as mãos magras, afastava os lençóis brancos alinhados em fileira, escolhendo uma cama:

— Aqui, nesta fileira de sete camas, só tem oito pessoas dormindo; ali, naquela de seis camas, tem nove!

Ela levantou a coberta, puxou um pouco para o lado e fez sinal para Wang Yaming arrumar suas coisas ali.

Wang Yaming estendeu a roupa de cama. Parecia contente; enquanto arrumava tudo, assobiava baixinho entre os dentes. Eu nunca tinha ouvido aquilo: numa escola de meninas, ninguém assobiava.

Depois de arrumar a cama, ela se sentou, abriu um pouco a boca e ergueu de leve o queixo, numa expressão tranquila. A diretora já havia descido as escadas — ou talvez já tivesse deixado o dormitório e voltado para sua casa. Mas a inspetora do dormitório, aquela senhora idosa de cabelo sem brilho, continuava andando de um lado para o outro, arrastando os sapatos pelo chão:

— Eu não disse? Assim também não dá... A menina não tem higiene nenhuma, vive cheia de bicho pelo corpo. Quem não vai querer ficar longe dela?

Ela se aproximou do canto onde Wang Yaming estava e voltou os olhos para mim:

— Olhem este cobertor! Cheirem só! De longe já dá para sentir o mau cheiro... Só de dormir do lado dela já dá para sentir! Vai saber... E se os bichos pularem na gente? Olhem esse algodão, está tão escuro que nem dá para distinguir nada!

A inspetora do dormitório vivia contando histórias da própria vida. Quando o marido estudou no Japão, ela também foi para lá e estudou. As colegas perguntavam:

— E a senhora estudou o quê?

Ela respondia:

— Não precisa estudar nada específico! No Japão, falar japonês, observar os costumes japoneses... isso também não conta como estudo?

Ela não abria a boca sem falar em “falta de higiene”, “que absurdo”, “que sujeira”. Aos piolhos, chamava tudo simplesmente de “bichos”.

— Gente suja, mãos sujas.

Ela tinha ombros largos; quando dizia “suja”, erguia-os de propósito, como se uma corrente de ar frio a tivesse atravessado de repente. Depois saía apressada.

— Uma aluna assim... não precisava mesmo, não precisava...

Mesmo depois do sinal de apagar as luzes, a inspetora do dormitório ainda comentava o assunto com algumas colegas no corredor.

Na terceira noite, Wang Yaming apareceu de novo, trazendo uma trouxa e alguns pacotes. Na frente dela vinha a diretora, de rosto pálido.

— Aqui não! Aqui já está cheio!

Mal os dedos da diretora tocaram a beirada das cobertas, elas começaram a gritar. Quando passaram para outra fileira de camas, gritaram de novo:

— Aqui também já está cheio! Cheio até demais! Seis camas para nove pessoas, ainda querem enfiar mais uma?

— Um, dois, três, quatro...

A diretora contou.

— Ainda cabe mais uma. Quatro camas davam para seis pessoas, e aqui só tem cinco... vamos, Wang Yaming!

— Não, esse lugar é da minha irmã. Ela chega amanhã!

A menina correu e agarrou a coberta com as duas mãos.

Por fim, a diretora levou Wang Yaming para outro dormitório.

— Ela tem piolho. Eu não fico do lado dela.

— Eu também não.

— A coberta da Wang Yaming nem tem lençol. O algodão da coberta fica encostando direto no corpo dela. Se não acredita, vá ver, diretora!

Depois, ainda zombavam dela, dizendo que tinham medo das mãos escuras de Wang Yaming e que nem chegavam perto.

Desde então, as “mãos escuras” passaram a dormir no banco comprido do corredor. Quando eu me levantava cedo, via Wang Yaming arrumando suas coisas e descendo as escadas, levando tudo consigo. Às vezes, à noite, também a encontrava no porão. Quando conversávamos, eu olhava para a sombra dela na parede: a mão que penteava o cabelo lançava ali uma sombra escura, da mesma cor dos fios.

— Já estou acostumada. Banco também serve para dormir; chão também. Dormir é só dormir, que diferença faz? O que importa é estudar... Nas provas, que nota será que o professor Ma vai me dar em inglês? Se eu não tirar sessenta, vou repetir de ano?

— Não se preocupe. Ninguém repete de ano por uma matéria só

Eu disse.

— Mas meu pai diz que, se eu não me formar em três anos e ainda tiver que ficar mais meio ano, ele não vai conseguir pagar os estudos... Essa língua inglesa... minha língua não consegue acompanhar esses sons. He-he...

Mesmo dormindo no corredor, as colegas do dormitório continuavam implicando com Wang Yaming: ela tossia a noite inteira. E, nessa época, começou também a tingir as meias e o casaco no dormitório.

— Roupas velhas, quando a gente tinge, ficam quase novas. O uniforme de verão, por exemplo: tinge de cinza e dá para usar no outono... Também dá para comprar meia branca e tingir de preto. Tudo tem jeito...

— Por que você não compra meias pretas?

Perguntei.

— Meia preta é tingida à máquina, leva muita pedra-ume... não dura. Rasga num instante. Melhor tingir em casa. Um par de meias custa lá seus bons centavos. Se fura logo, não é prejuízo?

Aos sábados à noite, as alunas cozinhavam ovos numa panelinha. Era quase sempre assim: gostavam de preparar alguma coisa para comer. Vi os ovos na panela; estavam pretos, e pensei que pudessem estar envenenados. A aluna que trouxera os ovos ficou tão indignada que quase deixou os óculos caírem:

— Quem fez isso? Quem foi? Quem?

Wang Yaming virou o rosto para elas e seguiu para a cozinha, abrindo caminho entre as outras, enquanto soltava um “he-he”:

— Fui eu. Não sabia que alguém usava essa panela. Usei para ferver dois pares de meias... He-he... Eu vou...

— Vai fazer o quê? Vai...

— Vou lavar!

— Uma panela que ficou com cheiro de meia tingida ainda serve para cozinhar ovo? Joga isso fora!

A panela de ferro bateu no chão com um ruído metálico, enquanto os gritos ecoavam pela cozinha. A colega de óculos atirou os ovos pretos no chão com força, como se estivesse jogando pedras.

Quando todas se dispersaram, Wang Yaming se abaixou para recolher os ovos do chão e ficou resmungando sozinha:

— Ora essa! Tingi dois pares de meias novas, e agora querem jogar a panela fora! Como é que meia nova pode ter mau cheiro?

No inverno, nas noites de neve, quando saíamos da escola em direção ao dormitório, as ruazinhas por onde passávamos ficavam inteiramente cobertas de neve. Corríamos contra o vento; quando vinha uma rajada mais forte, girávamos no meio da nevasca e íamos aos tropeços, de lado ou até para trás. De manhã bem cedo, tínhamos de sair outra vez do dormitório. Em dezembro, mesmo correndo, os pés de todo mundo ficavam dormentes de frio. Por isso, íamos praguejando e resmungando pelo caminho; algumas colegas chegavam até a xingar a diretora, chamando-a de “grande tonta”, por ter deixado o dormitório tão longe da escola e por nos obrigar a sair ainda no escuro.

Às vezes, eu encontrava Wang Yaming sozinha pelo caminho. Ao longe, o céu parecia claro, e a neve brilhava. A lua projetava nossas sombras no chão, e caminhávamos sobre elas. Não se via ninguém, nem nas ruas largas nem nas estreitas. O vento fazia os galhos das árvores à beira do caminho rangerem, e os vidros das janelas tremiam e gemiam ao vento. Com o frio abaixo de zero, nossa voz ficava rouca. Quando até os lábios, como as pernas, já se moviam com dificuldade, parávamos de falar e seguíamos apenas ouvindo a neve chiar debaixo dos pés. As pernas pareciam prestes a se soltar do corpo, e os joelhos falhavam a cada passo.

Não me lembro em que manhã foi. Eu levava debaixo do braço um romance que ainda não tinha lido; saí do dormitório e me virei para fechar bem o portão de grades. Senti uma certa apreensão. Quanto mais eu olhava para as casas indistintas ao longe e ouvia, atrás de mim, a neve sendo varrida pelo vento, mais medo eu sentia. As estrelas pareciam pequenas demais. A lua talvez já tivesse se posto, ou talvez estivesse encoberta por nuvens acinzentadas, da cor da terra.

Depois de andar uns trinta metros, eu tinha a impressão de que o caminho ficava ainda mais longo. Desejava que alguém aparecesse, mas, ao mesmo tempo, tinha medo dessa pessoa, porque, naquela escuridão sem lua, só se ouviam vozes; não se via ninguém. E, quando finalmente surgia uma sombra, parecia ter brotado de repente do chão.

Quando subi os degraus de pedra da escola, ainda com o coração batendo forte, meu dedo parecia sem força. De repente, outra pessoa apareceu:

— Quem é? Quem é?

— Sou eu, sou eu.

— Você veio me seguindo o caminho todo? — Como eu não tinha ouvido nenhum outro passo, fiquei ainda mais assustada.

— Não, não vim seguindo você. Já estou aqui faz um bom tempo. O porteiro não quer abrir a porta. Estou chamando há não sei quanto tempo.

— Você não tocou a campainha?

— Tocar a campainha não adianta nada, he-he. O porteiro acendeu a luz, veio até a porta, olhou pelo vidro... mas não abriu.

As luzes lá dentro se acenderam e, entre o barulho da fechadura e alguns resmungos, a porta se abriu de repente:

— Ficar chamando a esta hora da noite... Quem chega por último acaba ficando por último mesmo, não é?

— O quê? O que você está dizendo?

Antes que eu pudesse terminar de dizer isso, o porteiro mudou de atitude:

— Ah, senhora Xiao, a senhora está chamando faz tempo, não é?

Wang Yaming e eu entramos no porão. Ela tossia. O rosto dela, pálido e amarelado, tremia um pouco, como se estivesse encolhido. O rosto dela ainda estava molhado pelas lágrimas que o vento provocara quando ela abriu o livro.

— Por que o porteiro não abriu a porta para você? — perguntei.

— Quem sabe? Disse que era cedo demais, mandou eu voltar, e depois disse que era ordem da diretora.

— Quanto tempo você esperou?

— Não muito. Só um pouco... mais ou menos o tempo de uma refeição. He-he...

O jeito dela de estudar já não era o mesmo de quando tinha chegado. A voz dela ficara mais baixa, quase reduzida a um murmúrio. Os ombros, que antes balançavam de um lado para o outro, agora viviam encolhidos. As costas se curvavam; o peito parecia afundado.

Eu lia o romance em voz muito baixa, com medo de incomodá-la. Mas era a primeira vez — não sei por quê, era a primeira vez.

Ela me perguntou que romance eu estava lendo e se eu já tinha lido *O Romance dos Três Reinos*. Às vezes pegava o livro, olhava a capa, folheava algumas páginas.

— Como vocês são inteligentes! Vocês quase nem estudam, mas, na hora da prova, nem ficam com medo. Eu já não sou assim. Também queria descansar um pouco, ler outras coisas... mas não posso...

Num domingo, o dormitório estava vazio e silencioso. Eu lia em voz alta um trecho de *O Matadouro*, a parte em que a operária Maria desmaia na neve. Enquanto lia, olhava para a neve lá fora e fiquei muito comovida.

Wang Yaming estava atrás de mim, mas eu nem tinha notado sua presença.

— Se você tiver algum livro que já leu, me empresta. Com esse tempo de neve, é muito chato ficar aqui. Não tenho família por perto; sair na rua também não adianta, não tenho nada para comprar, e ainda tenho que gastar com transporte...

— Faz tempo que seu pai não vem te visitar?

Pensei que ela estivesse com saudade de casa.

— Como é que ele vai vir? Só a passagem de trem, ida e volta, já dá mais de dois yuans... Além disso, lá em casa também não tem ninguém...

Então peguei *O Matadouro* e entreguei o livro a ela, porque eu já tinha lido.

Ela sorriu, soltou seu “he-he”, deu duas batidinhas na beira da cama e começou a olhar a capa do livro.

Quando saiu, ouvi sua voz no corredor. Ela também lia em voz alta a primeira frase do livro, do mesmo jeito que eu tinha feito.

Mais tarde, já não me lembro em que dia, talvez em outro domingo, o dormitório estava vazio de novo, e a luz da lua já entrava pela janela. Ouvi um barulhinho perto da minha cabeceira, como se alguém estivesse mexendo em alguma coisa ao meu lado. Levantei a cabeça e, sob a luz da lua, vi as mãos escuras de Wang Yaming deixando ao meu lado o livro que eu tinha emprestado a ela.

Perguntei:

— Você achou interessante? Gostou?

No começo, ela não respondeu. Depois cobriu o rosto com as mãos; até o cabelo parecia tremer. Então disse:

— Gostei.

A voz dela também parecia trêmula, por isso me levantei da cama. Mas ela saiu correndo, ainda cobrindo o rosto com as mãos, escuras como o cabelo.

O corredor comprido estava vazio e silencioso. À luz da lua, eu via os desenhos do piso.

— Maria... parece que ela existiu de verdade. Quando ela caiu na neve, fiquei pensando: será que morreu? Será que não morreu? O médico, quando viu que ela não tinha dinheiro, nem quis atender... He-he!

Ela riu alto. E foi no meio daquele riso que as lágrimas finalmente caíram.

— Quando minha mãe ficou doente, eu também fui chamar o médico. Sabe se ele veio? Primeiro me pediu o dinheiro do transporte. Eu disse que o dinheiro estava em casa, que ele podia vir de carro primeiro, que minha mãe estava morrendo... Você acha que ele veio? Ficou parado no meio do pátio e me perguntou: “O que vocês fazem? Vocês têm uma tinturaria?” Não sei por quê, mas, quando eu disse que tínhamos uma tinturaria, ele abriu a porta e entrou em casa... Fiquei esperando, mas ele não saiu. Bati de novo na porta, e ele disse lá de dentro: “Esse tipo de doença eu não trato. Vai embora.” E eu voltei...

Ela enxugou os olhos mais uma vez antes de continuar:

— Foi daí que comecei a cuidar dos meus dois irmãos mais novos e das minhas duas irmãs mais novas. Meu pai tingia de preto e azul; minha irmã tingia de vermelho... No ano em que minha irmã mais velha ficou noiva, no começo do inverno, a sogra dela veio da roça e ficou lá em casa. Quando viu as mãos da minha irmã, soltou: “Nossa, que mãos horríveis!” Daí em diante, meu pai proibiu que uma pessoa ficasse só no vermelho e outra só no azul. Minhas mãos são pretas, mas, se você olhar bem, têm um tom meio roxo. As mãos das minhas duas irmãs mais novas também são assim.

— Suas irmãs não estudam?

— Não. Sou eu que vou ensinar as duas no futuro. Mas eu mesma nem sei se estou aprendendo bem. Se eu não aprender bem, vou ficar devendo isso a elas também... Tingir um pedaço de pano não dá nem trinta centavos... Quantos pedaços dá para tingir num mês? Cada peça de roupa sai por dez centavos, não importa o tamanho. Só que quase sempre trazem peças grandes para tingir... Ainda tem que descontar os fósforos, descontar os corantes... E ainda tem a minha mensalidade... Até o dinheiro do sal, lá de casa, acabou vindo para mim... Como é que eu podia não me esforçar? Como é que eu podia?

Ela voltou a passar a mão pelo livro.

Eu continuei olhando para os desenhos do piso. As lágrimas dela, pensei, tinham muito mais dignidade do que a minha compaixão.

Pouco antes das férias de inverno, numa manhã, Wang Yaming arrumava a mala de mão e algumas coisas. Os outros volumes já estavam bem amarrados e encostados na parede.

Ninguém se despediu dela. Quando saímos do dormitório, uma por uma, passamos pelo banco comprido onde Wang Yaming dormia à noite. Ela sorria para cada uma de nós e, ao mesmo tempo, parecia olhar para longe, através da janela. Nossos passos ecoavam pesados no corredor. Descemos as escadas, atravessamos o pátio e, quando chegamos ao portão de ferro, Wang Yaming também apareceu, ofegante, de boca aberta:

— Meu pai ainda não chegou. Uma hora a mais de estudo também conta...

Parecia dizer aquilo para todo mundo.

Naquela última hora de estudo, Wang Yaming suou bastante. Na aula de inglês, ela se apressou em copiar no caderninho todas as palavras novas que estavam no quadro. Copiava e lia ao mesmo tempo; até as palavras que já conhecia, escritas pela professora sem necessidade, ela também anotava. Na segunda aula, de geografia, tentou copiar no caderninho o mapa que a professora desenhava no quadro... Era como se, naquele último dia, tudo se tornasse importante e ela precisasse guardar alguma coisa de cada momento.

No intervalo, dei uma olhada no caderninho dela. Estava tudo copiado errado: nas palavras em inglês, ora faltava uma letra, ora aparecia uma letra a mais... Dava para ver que ela estava muito nervosa.

À noite, o pai não veio buscá-la. Ela voltou a estender a roupa de cama sobre o banco comprido. Só que, dessa vez, dormiu mais cedo do que de costume e parecia mais calma que de outras vezes. O cabelo caía sobre a beira do cobertor, e os ombros se moviam de leve enquanto ela respirava. Naquele dia, não havia nenhum livro ao lado dela.

De manhã, quando o sol iluminava os galhos cobertos de neve e os pássaros mal tinham saído dos ninhos, o pai dela chegou. Parou ao pé da escada e pôs no chão as grandes botas de feltro que trazia às costas. Depois, com a toalha branca enrolada no pescoço, limpou o gelo preso ao bigode:

— Você não passou de ano? Você...

O gelo derretia nos degraus da escada, formando pequenas gotas d'água.

— Não, ainda nem fiz as provas. A diretora disse que eu nem preciso fazer, porque de qualquer jeito não vou passar...

O pai dela ficou parado ao pé da escada, de rosto virado para a parede, a toalha branca presa à cintura.

Arrastaram a bagagem até o pé da escada, e Wang Yaming foi buscar a mala de mão, a bacia e outras coisas. Devolveu ao pai as luvas grandes.

— Não quero, fica com elas você!

Assim que o pai deu um passo, as botas de feltro deixaram marcas de lama no chão.

Como ainda era de manhã cedo, havia poucas colegas olhando. Wang Yaming calçou as luvas enquanto algumas colegas riam baixinho.

— Calça essas botas de feltro. Já que você não estudou direito, pelo menos não deixa os pés congelar.

Disse o pai, soltando a tira de couro que prendia uma bota à outra.

As botas chegavam acima dos joelhos, e ela ficou parecida com um cocheiro. A cabeça também estava enrolada num pano branco.

— Levo os livros para casa, estudo direitinho e depois volto. He-he...

Não dava para saber direito com quem ela estava falando.

Quando pegou a mala de mão de novo, perguntou ao pai:

— A carroça que você chamou já chegou?

— Carroça? Que carroça? Vamos a pé até a estação... Eu levo a bagagem...

As botas de feltro de Wang Yaming batiam nos degraus enquanto ela subia. O pai ia na frente, carregando a trouxa pelas duas pontas com as mãos manchadas de tinta.

O sol da manhã projetava suas sombras compridas à nossa frente, até o portão de madeira. Da janela, as duas figuras pareciam leves, quase sem peso. Só dava para ver seus contornos; não se ouvia nenhum som.

Ao saírem pelo portão de madeira, seguiram pelo caminho, na direção em que o sol nascia.

A neve no chão brilhava como cacos de vidro; quanto mais longe, mais forte era o brilho. Continuei olhando até a claridade da neve ao longe fazer meus olhos arderem.

Março de 1936.

Texto original

手

在我们的同学中，从来没有见过这样的手：蓝的，黑的，又好象紫的；从指甲一直变色到手腕以上。

她初来的几天，我们叫她“怪物”。下课以后大家在地板上跑着也总是绕着她。关于她的手，但也没有一个人去问过。

教师在点名，使我们越忍越忍不住了，非笑不可了。

“李洁！”“到。”

“张楚芳！”“到。”

“徐桂真！”“到。”

迅速而有规律性的站起来一个，又坐下去一个。但每次一喊到王亚明的地方，就要费一些时间了。

“王亚明，王亚明……叫到你啦！”别同学有时要催促她，于是她才站起来，把两只青手垂得很直，肩头落下去，面向着棚顶说：“到，到，到。”

不管同学们怎样笑她，她一点也不感到慌乱，仍旧弄着椅子响，庄严的，似乎费掉了几分钟才坐下去。

有一天上英文课的时候，英文教师笑得把眼镜脱下来在擦着眼睛：“你下次不要再答‘黑耳’了，就答‘到’吧！”

全班的同学都在笑，把地板擦得很响。

第二天的英文课，又喊到王亚明时，我们又听到了“黑——耳——黑——耳。”

“你从前学过英文没有？”英文教师把眼镜移动了一下。

“不就是那英国话吗？学是学过的，是个麻子脸先生教的……铅笔叫‘喷丝儿’，钢笔叫‘盆’。可是没学过‘黑耳’。”

“here就是‘这里’的意思，你读：here！here”

“喜儿，喜儿。”她又读起“喜儿”来了。这样的怪读法，全课堂都笑得颤栗起来。可是王亚明，她自己却安然地坐下去，青色的手开始翻转着书页。并且低声读了起来：

“华提……贼死……阿儿……”

数学课上，她读起算题来也和读文章一样：“ $2X+Y=.....X^2=.....$ ”

午餐的桌上，那青色的手已经抓到了馒头，她还想着“地理”课本：“墨西哥产白银.....云南.....唔，云南的大理石。”

夜里她躲在厕所里边读书，天将明的时候，她就坐在楼梯口。只要有一点光亮的地方，我常遇到过她。有一天落着大雪的早晨，窗外的树枝挂着白绒似的穗头，在宿舍的那边，长筒过道的尽头，窗台上似乎有人睡在那里了。

“谁呢？这地方多么凉！”我的皮鞋拍打着地板，发出一种空洞洞的喻声，因是星期日的早晨，整个学校出现在特有的安宁里。一部分的同学在化着装；一部分的同学还睡在眠床上。

还没走到她的旁边，我看到那摊在膝头上的书页被风翻动着。

“这是谁呢？礼拜日还这样用功！”正要唤醒她，忽然看到那青色的手了。

“王亚明，喂.....醒醒吧.....”我还没有直接招呼过她的名字，感到生涩和直硬。

“喝喝.....睡着啦！”她每逢说话总是开始钝重的笑笑。

“华提.....贼死，右.....爱.....”她还没找到书上的字就读起来。

“华提.....贼死，这英国话，真难.....不象咱们中国字：什么字旁，什么字头.....这个：曲里拐弯的，好象长虫爬在脑子里，越爬越糊涂，越爬越记不住。英文先生也说不难，不难，我看你们也不难。我的脑筋笨，乡下人的脑筋没有你们那样灵活。我的父亲还不如我，他说他年青的时候，就记他这个‘王’字，记了半顿饭的工夫还没记住。右.....爱.....右.....阿儿.....”

说完一句话，在末尾不相干的她又读起单字来。

风车哗啦哗啦的响在壁上，通气窗时时有小的雪片飞进来，在窗台上结着些水珠。

她的眼睛完全爬满着红丝条；贪婪，把持，和那青色的手一样在争取她那不能满足的愿望。

在角落里，在只有一点灯光的地方我都看到过她，好象老鼠在啮嚼什么东西似的。

她的父亲第一次来看她的时候，说她胖了：“妈的，吃胖了，这里吃的比自家吃的好，是不是？好好幹吧！幹下三年来，不成圣人吧，也总算明白明白人情大道理。”在课堂上，一个星期之内人们都是学着王亚明的父亲。第二次，她的父亲又来看他，她向她父亲要一双手套。

“就把我这副给你吧！书，好好念书，要一副手套还没有吗？等一等，不用忙……要戴就先戴这副，开春啦！我又不常出什么门，明子，上冬咱们再买，是不是？明子！”在接见室的门口嚷嚷着，四周已经是围满着同学，于是他又喊着明子明子的，又说了一些事情：“三妹妹到二姨家去串门啦，去啦两三天啦！小肥猪每天又多加两把豆子，胖得那样你没看见，耳朵都挣挣起来了，……姐姐又来家腌了两罐子鹹葱……”

正讲得他流汗的时候，女校长穿着人群站到前面去：“请到接见室里里面坐吧——”

“不用了，不用了，耽搁工夫，我也是不行的，我还就要去赶火车……赶回去，家里一群孩子，放不下心……”他把皮帽子放在手上，向校长点着头，头上冒着气，他就推开门出去了。好象校长把他赶走似的。可是他又转回身来，把手套脱下来。

“爹，你戴着吧，我戴手套本来是没用的。”

她的父亲也是青色的手，比王亚明的手更大更黑。

在阅报室里，王亚明问我：“你说，是吗？到接见室去坐下谈话就要钱的吗？”

“哪里要钱！要的什么钱！”

“你小点声说，叫她们听见，她们又谈笑话了。”她用手掌指点着我读着的报纸，“我父亲说的，他说接见室摆着茶壶和茶碗，若进去，怕是校役就给倒茶了，倒茶就要钱了。我说不要，他可是不信，他说连小店房进去喝一碗水也多少得赏点钱，何况学堂呢？你想学堂是多么大的地方！”

校长已说过她几次：“你的手，就洗不净了吗？多加点肥皂！好好洗洗，用热水烫一烫。早操的时候，在操场上竖起来的几百条手臂都是白的，就是你，特别呀！真特别。”女校长用她贫血的和化石一般透明的手指去触动王亚明的青色手，看那样子，她好象是害怕，好象微微有点抑止着呼吸，就如同让她去接触黑色的已经死掉的鸟类似的。“是褪得很多了，手心可以看到皮肤了。比你来的时候强得多，那时候，那简直是铁手……你的功课赶得上了吗？多用点功，以后，早操你就不用上，学校的墙很低，春天里散步的外国人又多，他们常常停在墙外看的。等你的手褪掉颜色再上早操吧！”校长告诉她，停止了她的早操。

“我已经向父亲要到了手套，戴起手套来不就看不见了吗？”打开了书箱，取出她父亲的手套来。

校长笑得发着咳嗽，那贫血的面孔立刻旋动着红的颜色：“不必了！既然是不整齐，戴手套也是不整齐。”

假山上面的雪消融了去，校役把铃子也打得似乎更响些，窗前的杨树抽着芽，操场好象冒着烟似的，被太阳蒸发着。上早操的时候，那指挥官的口笛振鸣得也远了，和窗外树丛中的人家起着回应。

我们在跑在跳，和群鸟似的在噪杂。带着糖质的空气迷漫着我们，从树梢上面吹下来的风混和着嫩芽的香味。被冬天枷锁了的灵魂和被束掩的棉花一样舒展开来。

正当早操刚收场的时候，忽然听到楼窗口有人在招呼什么，那声音被空气负载着向天空响去似的：“好和暖的太阳！你们热了吧？你们……”在抽芽的杨树后面，那窗口站着王亚明。

等杨树已经长了绿叶，满院结成了荫影的时候，王亚明却渐渐变成了乾缩，眼睛的边缘发着绿色，耳朵也似乎薄了一些，至于她的肩头一点也不再显出蛮野和强壮。当她偶然出现在树荫下，那开始陷下的胸部使我立刻从她想到了生肺病的人。

“我的功课，校长还说跟不上，倒也是跟不上，到年底若再跟不上，喝喝！真会留级的吗？”她讲话虽然仍和从前一样“喝喝”的，但她的手却开始畏缩起来，左手背在背后，右手在衣襟下面突出个小丘。

我们从来没有看到她哭过，大风在窗外倒拔着杨树的那天，她背向着教室，也背向着我们，对着窗外的大风哭了。那是那些参观的人走了以后的事情，她用那已经开始在褪着色的青手捧着眼泪。

“还哭！还哭什么？来了参观的人，还不躲开。你自己看看，谁象你这样特别！两只蓝手还不说，你看看，你这件上衣，快变成灰的了！别人都是蓝上衣，哪有你这样特别，太旧的衣裳颜色是不整齐的.....不能因为你一个人而破坏了制服的规律性.....”她一面嘴唇与嘴唇切合着，一面用她惨白的手指去撕着王亚明的领口：“我是叫你下楼，等参观的走了再上来，谁叫你就站在过道呢？在过道，你想想：他们看不到你吗？你倒戴起了这样大的一副手套.....”

说到“手套”的地方，校长的黑色漆皮鞋，那晶亮的鞋尖去踢了一下已经落到地板上的一只：“你觉得你戴上了手套站在这地方就十分好了吗？这叫什么玩艺？”她又在手套上踏了一下，她看到那和马车夫一样肥大的手套，抑止不住的笑出声来了。

王亚明哭了这一次，好象风声都停止了，她还没有停止。

暑假以后，她又来了。夏末简直和秋天一样凉爽，黄昏以前的太阳染在马路上使那些铺路的石块都变成了朱红色。我们集着群在校门里的山丁树下吃着山丁。就是这时候，王亚明坐着的马车从“喇叭台”那边哗啦哗啦地跑来了。只要马车一停下，那就全然寂静下去，她的父亲搬着行李，她抱着面盆和一些零碎。走上台阶来了，我们并不立刻为她闪开，有的说着：“来啦！”

“你来啦！”有的完全向她张着嘴。

等她父亲腰带上挂着的白毛巾一抖一抖的走上了台阶，就有人在说：“怎么！在家住了一个暑假，她的手又黑了呢？那不是和铁一样了吗？”

秋季以后，宿舍搬家的那天，我才真正注意到这铁手：我似乎已经睡着了，但能听到隔壁在吵叫着：“我不要她，我不和她并床.....”

“我也不和她并床。”

我再细听了一些时候，就什么也听不清了，只听到嗡嗡的笑声和绞成一团的吵嚷。夜里我偶然起来到过道去喝了一次水。长椅上睡着一个人，立刻就被我认出来，那是王亚明。两只黑手遮着脸孔，被子一半脱落在地板上，一半挂在她的脚上。我想

她一定又是借着过道的灯光在夜里读书，可是她的旁边也没有什么书本，并且她的包袱和一些零碎就在地板上围绕着她。

第二天的夜晚，校长走在王亚明的前面，一面走一面响着鼻子，她穿着床位，她用她的细手推动那一些连成排的铺平的白床单：“这里，这里的一排七张床，只睡八个人，六张床还睡九个呢！”她翻着那被子，把它排开一点，让王亚明把被子就夹在这地方。

王亚明的被子展开了，为着高兴的缘故，她还一边铺着床铺，一边嘴里似乎打着哨子，我还从没听到过这个，在女学校里边，没有人用嘴打过哨子。

她已经铺好了，她坐在床上张着嘴，把下颚微微向前抬起一点，象是安然和舒畅在镇压着她似的。校长已经下楼了，或者已经离开了宿舍，回家去了。但，舍监这老太太，鞋子在地板上擦擦着，头发完全失掉了光泽，她跑来跑去：“我说，这也不行.....不讲卫生，身上生着虫类，什么人还不想躲开她呢？”她又向角落里走了几步，我看到她的白眼珠好象对着我似的：“看这被子吧！你们去嗅一嗅！隔着二尺远都有气味了.....挨着她睡觉，滑稽不滑稽！谁知道.....虫类不会爬了满身吗？去看看，那棉花都黑得什么样子啦！”

舍监常常讲她自己的事情，她的丈夫在日本留学的时候，她也在日本，也算是留学。同学们问她：“学的什么呢？”

“不用专学什么！在日本说日本话，看看日本风俗，这不也是留学吗？”

她说话总离不了“不卫生，滑稽不滑稽.....肮脏”，她叫虱子特别要叫虫类。

“人肮脏手也肮脏。”她的肩头很宽，说着肮脏她把肩头故意抬高了一下，好象寒风忽然吹到她似的，她跑出去了。

“这样的学生，我看校长可真是.....可真是多余要.....”打过熄灯铃之后，舍监还在过道里和别的一些同学在讲说着。

第三天夜晚，王亚明又提着包袱，卷着行李，前面又是走着白脸的校长。

“我们不要，我们的人数够啦！”

校长的指甲还没接触到她们的被边时，她们就嚷了起来，并且换了一排床铺也是嚷了起来：“我们的人数也够啦！还多了呢！六张床，九个人，还能再加了吗？”

“一二三四……”校长开始计算：“不够，还可以再加一个，四张床，应该六个人，你们只有五人……来！王亚明！”

“不，那是留给我妹妹的，她明天就来……”那个同学跑过去，把被子用手按住。

最后，校长把她带到别的宿舍去了。

“她有虱子，我不挨着她……”

“我也不挨着她……”

“王亚明的被子没有被里，棉花贴着身子睡，不信，校长看看！”

后来她们就开着玩笑，甚至于说出害怕王亚明的黑手而不敢接近她。

以后，这黑手人就睡在过道的长椅上。我起得早的时候，就遇到她在卷着行李，并且提着行李下楼去。我有时也在地下储藏室遇到她，那当然是夜晚，所以我和她谈话的时候，我都是看看墙上的影子，她搔着头发的手，那影子印在墙上也和头发一样颜色。

“惯了，椅子也一样睡，就是地板也一样，睡觉的地方，就是睡觉，管什么好歹！念书是要紧的……我的英文，不知在考试的时候，马先生能给我多少分数？不够六十分，年底要留级的吗？”

“不要紧，一门不能够留级。”我说。

“爹爹可是说啦！三年毕业，再多半年，他也不能供给我学费……这英国话，我的舌头可真转不过弯来。喝喝……”

全宿舍的人都在厌烦她，虽然她是住在过道里。因为她夜里总是咳嗽着……同时在宿舍里边她开始用颜料染着袜子和上衣。

“衣裳旧了，染染差不多和新的一样。比方，夏季制服，染成灰色就可以当秋季制服穿……比方，买白袜子，把它染成黑色，这都可以……”

“为什么你不买黑袜子呢？”我问她。

“黑袜子，他们是用机器染的，矾太多.....不结实，一穿就破的.....还是咱们自己家染的好.....一双袜子好几毛钱.....破了就破了还得了吗？”

礼拜六的晚上，同学们用小铁锅煮着鸡子。每个礼拜六差不多总是这样，她们要动手烧一点东西来吃。从小铁锅煮好的鸡子，我也看到的，是黑的，我以为那是中了毒。那端着鸡子的同学，几乎把眼镜咆哮得掉落下来：“谁幹的好事！谁？这是谁？”

王亚明把面孔向着她们来到了厨房，她拥挤着别人，嘴里喝喝的：“是我，我不知道这锅还有人用，我用它煮了两双袜子.....喝喝.....我去.....”

“你去幹什么？你去.....”

“我去洗洗它！”

“染臭袜子的锅还能煮鸡子吃！还要它？”铁锅就当众人在地板上光郎、光郎的跳着，人咆哮着，戴眼镜的同学把黑色的鸡子好象抛着石头似的用力抛在地上。

人们都散开的时候，王亚明一边拾着地板上的鸡子，一边在自己说着话：“哟！染了两双新袜子，铁锅就不要了！新袜子怎么会臭呢？”

冬天，落雪的夜里，从学校出发到宿舍去，所经过的小街完全被雪片占据了。我们向前冲着，扑着，若遇到大风，我们就风雪中打着转，倒退着走，或者是横着走。清早，照例又要从宿舍出发，在十二月里，每个人的脚都冻木了，虽然是跑着也要冻木的。所以我们咒诅和怨恨，甚至于有的同学已经在骂着，骂着校长是“混蛋”，不应该把宿舍离开学校这样远，不应该在天还不亮就让学生们从宿舍出发。

有些天，在路上我单独的遇到王亚明。远处的天空和远处的雪都在闪着光，月亮使得我和她踏着影子前进。大街和小街都看不见行人。风吹着路旁的树枝在发响，也时时听到路旁的玻璃窗被雪打着在呻叫。我和她谈话的声音，被零度以下的气温所反应也增加了硬度。等我们的嘴唇也和我们的腿部一样感到了不灵活，这时候，我们总是终止了谈话，只听着脚下被踏着的雪，乍乍乍的响。手在按着门铃，腿好象就要自己脱离开，膝盖向前时时要跪了下去似的。

我记不得哪一个早晨，腋下带着还没有读过的小说，走出了宿舍，我转过身去，把栏栅门拉紧。但心上总有些恐惧，越看远处模糊不清的房子，越听后面在扫着的风雪，就越害怕起来。星光是那样微小，月亮也许落下去了，也许被灰色的和土色的云彩所遮蔽。

走过一丈远，又象增加了一丈似的，希望有一个过路的人出现，但又害怕那过路人，因为在没有月亮的夜里，只能听到声音而看不见人，等一看见人影那就从地面突然长了起来似的。

我踏上了学校门前的石阶，心脏仍在发热，我在按铃的手，似乎已经失去了力量。突然石阶又有一个人走上来了：“谁？谁？”

“我！是我。”

“你就走在我的后面吗？”因为一路上我并没听到有另外的脚步声，这使我更害怕起来。

“不，我没走在你的后面，我来了好半天了。校役他是不给开门的，我招呼了不知道多大工夫了。”

“你没按过铃吗？”

“按铃没有用，喝喝，校役开了灯，来到门口，隔着玻璃向外看看……可是到底他不给开。”

里边的灯亮起来，一边骂着似的光郎郎郎的把门给闪开了：

“半夜三更叫门……该考背榜不是一样考背榜吗？”

“干什么？你说什么？”我这话还没有说出来，校役就改变了态度：

“萧先生，您叫门叫了好半天了吧？”

我和王亚明一直走进了地下室，她咳嗽着，她的脸苍黄得几乎是打着皱纹似的颤索了一些时候。被风吹得而挂下来的眼泪还停留在脸上，她就打开了课本。

“校役为什么不给你开门？”我问。

“谁知道？他说来得太早，让我回去，后来他又说校长的命令。”

“你等了多长时间了？”

“不算多大工夫，等一会，就等一会，一顿饭这个样子。喝喝……”

她读书的样子完全和刚来的时候不一样，那喉咙渐渐窄小了似的，只是喃喃着，并且那两边摇动的肩头也显着紧缩和偏狭，背脊已经弓了起来，胸部却平了下去。

我读着小说，很小的声音读着，怕是搅扰了她；但这是第一次，我不知道为什么这只是第一次？

她问我读的什么小说，读没读过《三国演义》？有时她也拿到手里看看书面，或是翻翻书页。“像你们多聪明！功课连看也不看，到考试的时候也一点不怕。我就不行，也想歇一会，看看别的书……可是那就不成了……”

有一个星期日，宿舍里面空朗的，我就大声读着《屠场》上正是女工马利亚昏倒在雪地上的那段，我一面看着窗外的雪地一面读着，觉得很感动。

王亚明站在我的背后，我一点也不知道。

“你有什么看过的书，也借给我一本，下雪天气，实在沉闷，本地又没有亲戚，上街又没有什么买的，又要花车钱……”

“你父亲很久不来看你了吗？”我以为她是想家了。

“哪能来！火车钱，一来回就是两元多……再说家里也没有人……”

我就把《屠场》放在她的手上，因为我已经读过了。

她笑着，“喝喝”着，她把床沿颤了两下，她开始研究着那书的封面。

等她走出去时，我听在过道里她也学着我把那书开头的第一句读得很响。

以后，我又不记得是哪一天，也许又是什么假日，总之，宿舍是空朗朗的，一直到月亮已经照上窗子，全宿舍依然被剩在寂静中。我听到床头上有沙沙的声音，好象什么人在我的床头摸索着，我仰过头去，在月光下我看到了是王亚明的黑手，并且把我借给她的那本书放在我的旁边。

我问她：“看得有趣吗？好吗？”

起初，她并不回答我，后来她把脸孔用手掩住，她的头发也象在抖着似的，她说：“好。”

我听她的声音也象在抖着，于是我坐了起来。她却逃开了，用着那和头发一样颜色的手横在脸上。

过道的长廊空朗朗的，我看着沉在月光里的地板的花纹。

“瑪利亚，真像有这个人一样，她倒在雪地上，我想她没有死吧！她不会死吧.....那医生知道她是没钱的人，就不给她看病.....喝喝！”很高的声音她笑了，借着笑的抖动眼泪才滚落下来：“我也去请过医生，我母亲生病的时候，你看那医生他来吗？他先向我要马车钱，我说钱在家里，先坐车来吧！人要不行了.....你看他来吗？他站在院心问我：‘你家是干什么的？你家开染缸房吗？’不知为什么，一告诉他是开染缸房的，他就拉开门进屋去了.....我等，他没有出来，我又去敲门，他在门里面说：‘不能去看这病，你回去吧！’我回来了.....”她又擦了擦眼睛才说下去，“从这时候我就照顾着两个弟弟和两个妹妹。爹爹染黑的和蓝的，姐姐染红的.....姐姐定亲的那年，上冬的时候，她的婆婆从乡下来住在我们家里，一看到姐姐她就说：‘唉呀！那杀人的手！’从这起，爹爹就说不许某个人专染红的；某个人专染蓝的。我的手是黑的，细看才带点紫色，那两个妹妹也都和我一样。”

“你的妹妹没有读书？”

“没有，我将来教她们，可是我也不知道我读得好不好，读不好连妹妹都对不起.....染一匹布多不过三毛钱.....一个月能有几匹布来染呢？衣裳每件一毛钱，又不论大小，送来染的都是大衣裳居多.....去掉火柴钱，去掉颜料钱.....那不是吗！我的学费.....把他们在家吃鹹盐的钱都给我拿来啦.....我哪能不用心念书，我哪能？”她又去摸触那书本。

我仍然看着地板上的花纹，我想她的眼泪比我的同情高贵得多。

还不到放寒假时，王亚明在一天的早晨，整理着手提箱和零碎，她的行李已经束得很紧，立在墙根的地方。

并没有人和她去告别，也没有人和她说一声再见。我们从宿舍出发，一个一个的经过夜里王亚明睡觉的长椅，她向我们每个人笑着，同时也好象从窗口在望着远方。我们使过道起着沉重的骚音，我们下着楼梯，经过了院宇，在栏栅门口，王亚明也赶到了，呼喘并且张着嘴：“我的父亲还没有来，多学一点钟是一点钟.....”她向着大家在说话一样。

这最后的每一点钟都使她流着汗，在英文课上她忙着用小册子记下来黑板上所有的生字。同时读着，同时连教师随手写的已经是不必要的读过的熟字她也记了下来，在第二点钟地理课上她又费着力气模仿着黑板上教师画的地图，她在小册子上也画了起来.....好象所有这最末一天经过她的思想都重要起来，都必得留下一个痕迹。

在下课的时间，我看了她的小册子，那完全记错了：英文字母，有的脱落一个，有的她多加上一个.....她的心情已经慌乱了。

夜里，她的父亲也没有来接她，她又在那长椅上展了被褥，只有这一次，她睡得这样早，睡得超过平常以上的安然。头发接近着被边，肩头随着呼吸放宽了一些。今天她的左右并不摆着书本。

早晨，太阳停在颤抖的挂着雪的树枝上面，鸟雀刚出巢的时候，她的父亲来了。停在楼梯口，他放下肩上背来的大毡靴，他用围着脖子的白毛巾掳去胡须上的冰溜：

“你落了榜吗？你.....”冰溜在楼梯上溶成小小的水珠。

“没有，还没考试，校长告诉我，说我不用考啦，不能及格的.....”

她的父亲站在楼梯口，把脸向着墙壁，腰间挂着的白手巾动也不动。

行李拖到楼梯口了，王亚明又去提着手提箱，抱着面盆和一些零碎，她把大手套还给她父亲。

“我不要，你戴吧！”她父亲的毡靴一移动就在地板上压了几个泥圈圈。

因为是早晨，来围观的同学们很少。王亚明就在轻微的笑声里边戴起了手套。

“穿上毡靴吧！书没念好，别再冻掉了两只脚。”她的父亲把两只靴子相连的皮条解开。

靴子一直掩过了她的膝盖，她和一个赶马车的人一样，头部也用白色的绒布包起。

“再来，把书回家好好读读再来。喝……喝。”不知道她向谁在说着。

当她又提起了手提箱，她问她的父亲：“叫来的马车就在门外吗？”

“马车，什么马车，走着上站吧……我背着行李……”

王亚明的毡靴在楼梯上扑扑地拍着。父亲走在前面，变了颜色的手抓着行李的两角。

那被朝阳拖得苗长的影子，跳动着在人的前面先爬上了木栅门。从窗子看去，人也好象和影子一般轻浮，只能看到他们，而听不到关于他们的一点声音。

出了木栅门，他们就向着远方，向着迷漫着朝阳的方向走去。

雪地好象碎玻璃似的，越远那闪光就越刚强。我一直看到那远处的雪地刺痛了我的眼睛。

一九三六年三月

Declaração de domínio público

Para fins de submissão à revista *Qorpus*, declara-se que o texto original traduzido, “手” [Shǒu], de Xiao Hong (萧红), encontra-se em domínio público no que se refere aos direitos patrimoniais autorais.

O conto, cuja tradução para o português brasileiro recebeu o título *A mão*, foi concluído em março de 1936 e publicado originalmente em 15 de abril de 1936, na revista 作家 [Zuòjiā], v. 1, n. 1, conforme indicado na página da obra na Wikisource, em chinês. Segundo a página da Wikipédia sobre Xiao Hong, a autora faleceu em 1942.

De acordo com a Lei de Direitos Autorais da República Popular da China, os direitos patrimoniais relativos às obras de pessoa natural são protegidos durante a

vida do autor e por cinquenta anos após sua morte. No caso de Xiao Hong, esse prazo terminou em 31 de dezembro de 1992.

Além disso, mesmo considerando o prazo brasileiro de setenta anos após a morte da autora, previsto no art. 41 da Lei nº 9.610/1998, a obra também se encontra em domínio público no Brasil, uma vez que esse prazo se encerrou em 31 de dezembro de 2012.

A tradução *A mão* preserva a indicação da autora, do título original e das fontes consultadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, art. 41. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 22 maio. 2026.

WIKIPÉDIA. Xiao Hong. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Xiao_Hong. Acesso em: 22 maio 2026.

WIKISOURCE. 手. Disponível em: <https://zh.wikisource.org/wiki/%E6%89%8B>. Acesso em: 22 maio 2026.

WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION. **Copyright Law of the People's Republic of China**. Disponível em: <https://www.wipo.int/wipolex/en/legislation/details/21065>. Acesso em: 22 maio 2026.

O brecho

Valley de los
gigantes. Atrocidade

Do lado direito de ~~brecho~~

noite sobre o ...

- estudo de que seria o estudo

- a cultura

- figuras ~~coisas~~ → o dem-
- figuras (coisas) ~~indefinidas~~ no
fundo - grandes - gigantes, origens, indefinidas



O brecho

Valley de los
gigantes. Atrocidade

Do lado direito de ~~brecho~~

noite sobre o ...

- estudo de que seria o estudo

- a cultura

- figuras ~~coisas~~ → o dem-
- figuras (coisas) ~~indefinidas~~ no
fundo - grandes - gigantes, origens, indefinidas

